



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**MARIANE FERREIRA**

**O DESENVOLVIMENTO DO PARACICLISMO NO BRASIL**

**CAMPINAS**  
**2019**

MARIANE FERREIRA

O DESENVOLVIMENTO DO PARACICLISMO NO BRASIL

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Educação Física, na Área de Atividade Física Adaptada.

*Orientador:* PROF. DR. JOSÉ JULIO GAVIÃO DE ALMEIDA

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA MARIANE FERREIRA, ORIENTADA PELO PROF. DR. JOSÉ JULIO GAVIÃO DE ALMEIDA.

CAMPINAS  
2019

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação Física  
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

F413d Ferreira, Mariane, 1989-  
O desenvolvimento do Paracicismo no Brasil / Mariane Ferreira. –  
Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: José Julio Gavião de Almeida.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade  
de Educação Física.

1. Ciclismo. 2. Esporte adaptado. 3. Pessoas com deficiência. I. Almeida,  
José Julio Gavião de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de  
Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** The development of Para-cycling in Brasil

**Palavras-chave em inglês:**

Cycling

Adapted sport

Disabled people

**Área de concentração:** Atividade Física Adaptada

**Titulação:** Mestra em Educação Física

**Banca examinadora:**

José Julio Gavião de Almeida [Orientador]

Edison Duarte

Reginaldo Gonçalves

**Data de defesa:** 01-08-2019

**Programa de Pós-Graduação:** Educação Física

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-7100-8929>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/2803935909151337>

## COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Julio Gavião de Almeida

Orientador

---

Prof. Dr. Edison Duarte

Membro Titular

---

Prof. Dr. Reginaldo Gonçalves

Membro Titular

OBS: A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

## DEDICATÓRIA

À Joana, meu eterno amor e minha grande companheira.

Aos meus amados pais: José Carlos e Doraci.

A todos os que amam e vivenciam o Paraciclismo.

Ao Paraciclismo, o que é do Paraciclismo.

## **AGRADECIMENTOS**

Queridos, cordiais e bons amigos, agradeço-vos sem nenhum sigilo!

Vou começar bem de mansinho, agradecendo a DEUS. Hoje e sempre *O* agradeço por me permitir a vida de maneira tão bonita! E ainda, por me iluminar e me inspirar ao sentido da vida. Deus te sinto aqui! E em minha pequenez, sinto-me como a pessoa mais rica do mundo, por ser abençoada com a vida que me confia...

Depois, com carinho-respeito, agradeço a todos os que traçaram este trabalho comigo:

À Joana, que mesmo tão pequena, sem ter conquistado a consciência necessária, soube pacientemente privar-se de minha presença em alguns momentos.

Aos meus amados - pai (tesouro) e mãe, agradeço-vos por todo sábio ensinamento e por toda a paciência. Humildade. Herdá-lo-eis! Ah, que sonho da vez!... Meus pais, amo-vos sem nenhuns porquês.

Ao meu querido professor, orientador, pesquisador, escritor, “caipira” e amigo, José Julio Gavião de Almeida. O senhor não sabe o quão é grata esta dona “caipira” que do lado de cá muito o admira...E que “sinhôzinho” mais esplêndido se revelou para mim! Segurou minhas mãos enquanto me ensinava a dar cada passinho, certo e remansoso no universo acadêmico. Vou é mesmo te confessar: não há cômputo que estime o todo que fizeste meu altaneiro amigo!!!

Agradeço ainda, aos professores componentes da banca examinadora – Edison Duarte, Reginaldo Gonçalves, Iverson Ladewing, por abraçarem e apreciarem carinhosamente estas numerosas páginas.

Depois disso, não tem como passar, no paraciclismo é que vou parar!

Agradeço então, de bom e agrado coração, a todos os técnicos, dirigentes e atletas do paraciclismo brasileiro. Queridos Romolo e Tubiba, que sorte tivemos de vocês terem encontrado o paraciclismo! Querido Civatti, quão afortunada tem sido nossa modalidade através de sua presença. Puxa vida, “num” é que este pessoal é mesmo “bão”! Lembro-me das inúmeras vezes em que não se privaram de me darem apoio e informações sobre o Paraciclismo.

Edilson Alves da Rocha (Tubiba), agradeço-o por ainda ter dedicado consideráveis parcelas de seu tempo para analisar e indicar justos reparos às partes específicas do paraciclismo, apresentados neste trabalho. Corremos “mais que os carcanhá”! Ah, como ei de te prezar!

E com renomado carinho, meu agradecimento a todos os meus grandes amigos e amigas: Marcela, Ezequiel (Zequier), Bruna (hard rock punk), SÍntia (Ítobi), Maria (Ítobi), Aline (Line - Estiva), Marcinha (ciclista), Jamelão, Denise (bam bam bam), João (“xará” da minha Joana), Léo, Prof. Uchida, Arlene (companheira da ALA), Muraca (tio feio) e os outros queridos, e não menos especiais, que carrego sempre aqui comigo.

Ao Dr. Hélder (oftalmologista – IPC/IBSA), por toda atenção e paciência ao atender, entender e esclarecer minhas dúvidas.

Aos meus queridos irmãos: José Carlos – filho (Zéca), Rodrigo (feio), Felipe (nenê), Danielle (mana) e Julio (Boby). Meus lindos sobrinhos: Thaissa (Tha), Thales (nego), Thalissa, Maria Fernanda (Malia), Victor Hugo (ninja), Manuela e José Felipe e, ainda às minhas cunhadas. Como sou afortunada em ser desta família que muito me apoia e me ensina! Família. “Eita” obra bem-feita e divina!

Ao meu querido Igor, que me deu o apoio emocional necessário para caminhar e realizar tudo isso de maneira sempre alegre!

Ao grupo “Gavião Corporation” com os quais eu pude dividir, sem meros receios, parte dos meus anseios. Choko, Jalusa, Gabi (Paraná), Bruna, Thálita, Juninho, Rita, Ortega, Dieguinho, Luizinho e a Mayra (Mayroca).

Aos funcionários da FEF: Emerson, Dulce, Beeroth, Simone e Geraldo (da Pós) e Geraldo “Geraldinho”, por me oferecerem o suporte necessário durante esta jornada.

À querida Jackie Patatas e suas contribuições. Gratidão!

À Confederação Brasileira de Ciclismo (CBC) por me proporcionar alcançar o par de asas do nosso paraciclismo.

Agora vou, ou acabo agradecendo-os tudo outra vez!

**<<<AMO TODOS VOCÊS!>>>**

## RESUMO

O Paraciclismo é uma modalidade presente no esporte paralímpico e que está em desenvolvimento no Brasil e no mundo. Sua origem, assim como, suas regras, são inspiradas pela prática do Ciclismo Olímpico. Esta modalidade é praticada por atletas que possuam algum tipo de deficiência físico-motora, visual ou neurológica. Existem 13 classes que agrupam os praticantes para competirem de acordo com o grau e o tipo da deficiência. Considerando o potencial esportivo do Paraciclismo no Esporte Paralímpico, o presente estudo toma como objeto de investigação, identificar o seu desenvolvimento no Brasil com base nos enunciados dos atuais dirigentes, técnicos e atletas. Para isto, o método desta pesquisa, qualitativa de carácter descritivo, desenvolveu-se como um survey, utilizando ainda, um questionário como instrumento para coleta de dados. Nesta direção, as entrevistas conduziram as análises e descrições diante das condições gerais que cercaram seu desenvolvimento, desde seu primórdio até os dias da atualidade, no país. A amostra foi coletada nos campeonatos nacionais. Com efeito, mostra-se que, o desenvolvimento do Paraciclismo no Brasil tem alcançado níveis elevados, como a conquista inédita das medalhas paraolímpicas na última paralímpiada, contudo, é preciso considerar muitos fatores para que se continue neste processo evolutivo.

**Palavras-chaves:** Ciclismo, Esporte Adaptado, Pessoas com Deficiência.



## **ABSTRACT**

Para-cycling is a sport that is present in Paralympic sport and is under development in Brazil and worldwide. Its origin, as well as its rules, are inspired by the practice of Olympic cycling. This modality is practiced by athletes who have some kind of physical-motor, visual or neurological disability. There are 13 classes that group practitioners to compete according to the degree and type of disability. Considering the sporting potential of Para-cycling in Paralympic Sport, this study aims to identify its development in Brazil based on the statements of current leaders, coaches and athletes. For this, the method of this research, qualitative of descriptive character, developed as a survey, also using a questionnaire as an instrument for data collection. In this direction, the interviews conducted the analysis and descriptions in view of the general conditions surrounding its development, from its earliest days to the present day in the country. The sample was collected in national championships. Indeed, it is shown that the development of Para-cycling in Brazil has reached high levels, such as the unprecedented achievement of Paralympic medals in the last Paralympics, however, many factors must be considered to continue this evolutionary process.

**Keywords:** Cycling, Adapted Sport, People with Disabilities.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Organograma das Entidades Responsáveis pelo Funcionamento do Paraciclismo no Brasil e no Mundo .....	27
<b>Figura 2</b> - Bicicleta de modelo Tandem .....	32
<b>Figura 3</b> - Bicicleta Speed .....	33
<b>Figura 4</b> - Bicicleta de modelo Handbike .....	34
<b>Figura 5</b> - Bicicleta de modelo Triciclo .....	35
<b>Figura 6</b> - Mapa das Regiões em que apresenta representação do Paraciclismo através de atletas .....	46
<b>Figura 7</b> - Ações Necessárias para o Melhor Desempenho do Paraciclismo no Brasil .....	59

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Continentes com os países que já estiveram presentes com o Paraciclismo em Jogos Paralímpicos .....	21
<b>Tabela 2</b> - Resultados do Brasil em Jogos Paralímpicos .....	38
<b>Tabela 3</b> - Resultados do Brasil em Jogos Parapan-Americanos .....	38
<b>Tabela 4</b> - Resultados do Brasil em Campeonato Mundial .....	40
<b>Tabela 5</b> - Resultados do Brasil em Copa do Mundo.....	41
<b>Tabela 6</b> - Quadro de Medalhas do Brasil em Campeonatos Internacionais .....	43
<b>Tabela 7</b> - Calendário das Provas de Paraciclismo realizadas no Brasil em 2016 ...	44
<b>Tabela 8</b> - Calendário de Provas do Paraciclismo realizadas no Brasil no ano de 2018 .....	45
<b>Tabela 9</b> - Representatividade de atletas na Região Norte e Nordeste .....	46
<b>Tabela 10</b> - Representatividade de atletas na Região Centro-Oeste, Sudeste e Sul	47
<b>Tabela 11</b> - Caracterização da População .....	49

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Dados de todas as edições do Paraciclismo em Jogos Paralímpicos ...	22
<b>Quadro 2</b> - Principais pontos que marcaram o início do Paraciclismo brasileiro .....	25
<b>Quadro 3</b> - Edições dos Campeonatos de Paraciclismo no Brasil.....	25
<b>Quadro 4</b> - Categorias encontradas no Paraciclismo .....	30
<b>Quadro 5</b> - Classificação dos Atletas com Deficiência Visual.....	32
<b>Quadro 6</b> - Classificação dos Atletas com Amputação e/ou diferença de membros	33
<b>Quadro 7</b> - Classificação dos Atletas com Lesões Medulares.....	34
<b>Quadro 8</b> - Classificação dos Atletas com Deficiência Neurológica .....	36
<b>Quadro 9</b> - Tipo de Provas em Estrada .....	36
<b>Quadro 10</b> - Tipo de Provas em Pista .....	37

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CBC	Confederação Brasileira de Ciclismo
CPB	Comitê Paralímpico Brasileiro
FPC	Federação Paulista de Ciclismo
IBSA	International Blind Sports Federation
IPC	International Paralympic Committee
UCI	União Ciclística Internacional

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
1.1 OBJETIVO GERAL .....	18
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	19
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>20</b>
2.1 O PARACICLISMO .....	20
2.1.1 História do Paraciclismo Brasileiro .....	20
2.1.2 Entidades Regulamentadoras .....	26
2.2 CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL E AS CLASSES DO PARACICLISMO ....	27
2.3 PARACICLISMO E O ATLETA COM DEFICIÊNCIA.....	30
2.3.1 Deficiência Visual .....	30
2.3.2 Deficiência Física/Motora .....	32
2.3.3 Paralisia Cerebral.....	35
2.4 TIPOS DE PROVAS.....	36
2.4 RESULTADOS DO BRASIL NO CENÁRIO INTERNACIONAL .....	38
2.5 CONFIGURAÇÃO DO PARACICLISMO BRASILEIRO NA ATUALIDADE	43
<b>3 MATERIAL E MÉTODOS .....</b>	<b>48</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	48
3.1.1 Instrumento para coleta de dados .....	48
3.1.2 População e amostra .....	49
3.1.3 Local da Pesquisa .....	50
3.2 Procedimentos para coleta de dados .....	50
3.3 Análise dos Dados .....	51
<b>4 RESULTADOS.....</b>	<b>52</b>
4.1 GRUPO A.....	53
4.1.1 Evolução.....	53
4.1.2 Dificuldades.....	54

4.1.3 Intervenções.....	54
4.2 GRUPO B.....	55
4.2.1 Evolução.....	55
4.2.2 Dificuldades.....	56
4.2.3 Intervenções.....	56
4.3 GRUPO C.....	57
4.2.1 Evolução.....	57
4.2.2 Dificuldades.....	58
4.2.3 Intervenções.....	58
<b>5 DISCUSSÃO .....</b>	<b>60</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>65</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>68</b>
Apêndice I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....	69
Apêndice II - Carta de Autorização apresentada à Confederação Brasileira de Ciclismo (CBC).....	72
Apêndice III – Instrumento para coleta de dados .....	73
<b>ANEXOS .....</b>	<b>74</b>
Anexo I – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp (CEP) .....	75

*Tempo e vento  
Levam e embalam  
Alertam e respaldam  
Transparentes!  
Sim, um viés indomável.*





## 1 INTRODUÇÃO

O Paraciclismo é uma prática esportiva, realizada por pessoas com deficiência, sobre a bicicleta. Esta prática está inserida como modalidade Paralímpica desde 1984, quando teve sua primeira apresentação em Jogos Paralímpicos (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2018a). O órgão responsável em administrar a modalidade nos campeonatos internacionais é a União Ciclistica Internacional (UCI) e, está desde 2007 a frente da modalidade através de um acordo do Comitê Paralímpico Internacional (IPC) (UNION CYCLISTE INTERNATIONALE, 2018a).

As adaptações encontradas no Paraciclismo variam de acordo com a necessidade e a deficiência do atleta (CIVATTI 2012; FERREIRA, 2016). Desta forma, apresentam-se adaptações nas regras que compõem as provas (os atletas são agrupados de acordo com os níveis de semelhança de comprometimento funcional, assim, eles recebem uma classificação funcional), ou ainda podem ser feitas adaptações na bicicleta (são modificadas para apropriar a prática) (CIVATTI, 2012; FERREIRA, 2016; COMITÉ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2018). Os grupos existentes no Paraciclismo, no qual separa-se estes atletas, são definidos por 13 classes.

Existem cinco Confederações Continentais (uma por continente) que fazem parte da UCI e são responsáveis pelo desenvolvimento do ciclismo Olímpico e Paralímpico (UCI, 2018b). A iniciativa oferecida pela UCI ao definir que as Federações Nacionais do Ciclismo devessem adotar e desenvolver o Paraciclismo, resultou no impulso da modalidade no mundo. Ao todo, 199 países desenvolvem o Ciclismo filiados a este órgão através de suas Confederações Nacionais (UCI, 2018b). Dentre estes países, cerca de 54 já participaram com o Paraciclismo nos Jogos Paralímpicos (IPC, 2018b).

O Paraciclismo, é ainda, uma das modalidades mais importantes na conquista das colocações no quadro geral de medalhas dos Jogos Paralímpicos, sendo a terceira, das 23 existentes, estando atrás apenas do Para Atletismo e da Para Natação (CIVATTI 2012; IPC, 2018a). No cenário brasileiro, a modalidade está presente diante da idealização dos campeonatos nacionais e também sendo representado, através de seus atletas, nos principais campeonatos internacionais.

Segundo Civatti (2012), desde sua primeira participação internacional, o Brasil tem seguido ativamente sua representação, aumentando o nível técnico dos atletas. Com base em sua introdução no país e em sua representatividade ao longo dos anos, nota-se que são poucos os estudos encontrados sobre a modalidade, tanto em literatura nacional quanto na internacional.

O único referencial disponível sobre as especificidades do Paraciclismo e as conquistas alcançadas pelo Brasil, é encontrado no capítulo do livro Esporte Paralímpico, desenvolvido por Civatti (2012). Apesar deste capítulo de livro tratar sobre a modalidade no país, serve apenas como uma introdução acerca de seu conhecimento, limitando-se a dados mais específicos. Diante desta realidade, pouco se sabe sobre a história e como tem sido seu desenvolvimento no país.

Contrariamente ao Ciclismo Olímpico, onde podem ser encontrados vários estudos, o Paraciclismo ainda é um tema academicamente limitado. Uma vez que seus passos são conduzidos, também, pelos caminhos traçados no passado, algumas perguntas me fizeram questionar a direção em que tem sido tomada para o alcance de seus objetivos. “Quais suas estratégias passadas e atuais para o sucesso? De onde devem ser buscadas respostas e alternativas para seu desenvolvimento? O que mudou desde sua introdução no Brasil? ... Quais os caminhos e descaminhos? ...”

Com isto, me vi em um universo a desvendar. Sim. Este universo escondido entre adaptações e superações. Percebi que é possível esculpir um pedaço de sua essência diante da ciência. Assim, ao conduzir este estudo, buscou-se recuperar a forma como o Paraciclismo tem se organizado no Brasil. Verificou-se ainda, através de uma retrospectiva histórica, quais esforços tem somado para o sucesso de seu desenvolvimento ao longo dos anos no país.

## 1.1 OBJETIVO GERAL

Identificar e discutir o desenvolvimento do Paraciclismo como modalidade Paralímpica no Brasil na ótica dos técnicos, dirigentes e atletas do alto nível da modalidade.

## 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar o processo histórico do Paraciclismo no Brasil e no mundo;
- Apresentar as particularidades e características do Paraciclismo no Brasil.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 O PARACICLISMO

#### 2.1.1 História do Paraciclismo Brasileiro

O Paraciclismo surgiu inspirado pela prática do Ciclismo Olímpico na década de 1980 (IPC, 2018a). Seu desenvolvimento é constituído através de adaptações feitas na bicicleta caso necessário e, também, de acordo com o tipo de deficiência do atleta (FERREIRA, 2016). Suas regras sofrem poucas variações das encontradas no Ciclismo Olímpico (CIVATTI, 2012). Em um primeiro momento foram realizadas adaptações apenas para prática de pessoas com deficiência visual (CIVATTI, 2012; IPC, 2018a).

Contudo, foi em 1984, nas Paraolimpíadas de Nova York, que a modalidade teve sua primeira participação com as provas de estrada (longa distância) em Jogos Paralímpicos, onde contou com a participação de apenas pessoas com paralisia cerebral (IPC, 2018b; CIVATTI, 2012). Nas Paralímpíadas de Seul em 1988, sua participação entrou oficialmente para o programa do evento e incluiu “a classe para atletas amputados” (CIVATTI, 2012: 93; IPC, 2018b).

Em 1992, nas Paralímpíadas de Barcelona, foram incluídas as provas de contra-relógio (tomada de tempo individual) e a classe para atletas com deficiência visual (CIVATTI, 2012; IPC, 2018b). Nos jogos Paralímpicos de Atlanta, em 1996, tiveram início as provas em velódromo (provas de velocidade) (CIVATTI, 2012; IPC, 2018b). Em 2004, na edição de Atenas, foi a vez da bicicleta *handbike*<sup>1</sup> ser inserida no programa de provas em Jogos Paralímpicos (IPC, 2018b).

---

<sup>1</sup> Bicicleta ao qual se usa as mãos para dar o movimento da bicicleta, sendo usada por atletas que possuem deficiência locomotora.

**Tabela 1** - Continentes com os países que já estiveram presentes com o Paraciclismo em Jogos Paralímpicos

Americano	Argentina	Chile	Cuba	Estados Unidos	
	Brasil	Colômbia	Haiti	Rep. Dominicana	
	Canadá	Costa Rica	Peru	Venezuela	
Europeu	Alemanha	Dinamarca	Grã-Bretanha	Noruega	Sérvia
	Albânia	Eslováquia	Grécia	Países Baixos	Suíça
	Áustria	Espanha	Hungria	Polônia	Ucrânia
	Bélgica	Estônia	Irlanda	Portugal	Rússia
	Bielorrússia	Finlândia	Itália	Rep. Tcheca	
	Croácia	França	Luxemburgo	România	
Asiático	China	Israel	Japão	Malásia	
	Coréia	Iran	Líbano		
Africano	África do Sul	Gana	Burkina Fasso		
Oceania	Austrália	Nova Zelândia			

Fonte: Dados extraídos dos arquivos do Comitê Paralímpico Internacional (IPC, 2018b)

Apesar do Paraciclismo surgir na década de 1980, foi após dez anos que se instalou em todos os continentes. Assim, o Paraciclismo está desde 1992 inserido em todos os Continentes diante do esporte Paralímpico (IPC, 2018b). Já são nove edições consecutivas dentro dos Jogos Paralímpicos desde sua primeira participação ao longo de 35 anos.

**Quadro 1** - Dados de todas as edições do Paraciclismo em Jogos Paralímpicos

PAÍS SEDE	ANO	NÚMERO DE PAÍSES	CONTINENTES	NÚMERO DE ATLETAS	CLASSES
Nova York - Estados Unidos	1984	8	Americano, Europeu e Oceania	22 (20 Homens e 2 Mulheres)	CP Div 2, CP Div 3, CP Div 4
Seul – Coréia do Sul	1988	11	Americano, Europeu, Asiático e Oceania	40 (Todos homens)	LC2, LC3, LC3, LC4, C5-6; Triciclo C5-6
Barcelona – Espanha	1992	19	Todos os Continentes	149 (132 Homens e 17 Mulheres)	LC2, LC3, LC3; CP Div 3; T; Tricycle CP Div 2
Atlanta – Estados Unidos	1996	23	Americano, Europeu, Asiático e Oceania	181 (152 Homens e 29 Mulheres)	LC2, LC3, LC3; CP Div 3; CP Div 4; Tandem; Tricycle CP Div 2
Sydney – Austrália	2000	25	Todos os Continentes	202 (166 Homens e 36 Mulheres)	LC1, LC2, LC3, LC3; CP Div 3; CP Div 4; Tandem; Tricycle CP Div 2
Atenas – Grécia	2004	39	Todos os Continentes	196 (156 Homens e 40 Mulheres)	LC1, LC2, LC3, LC3, LC4; Tandem B1-3; Tricycle CP Div 1/2; Handcycle HC Div A; Handcycle HC Div B/C; CP Div 3; CP Div 4
Beijing – China	2008	39	Todos os Continentes	220 (163 Homens e 57 mulheres)	LC1, LC2, LC3, LC3, LC4; Tandem B VI; HC A, HC B, HC C; CP1, CP2, CP3, CP4
Londres – Grã-Bretanha	2012	48	Todos os Continentes	223 (155 Homens e 68 Mulheres)	H1, H2, H3, H4; C1, C2, C3, C4, C5; B; T1, T2
Rio de Janeiro – Brasil	2016	45	Todos os Continentes	235 (155 Homens e 80 Mulheres)	H1, H2, H3, H4, H5; C1, C2, C3, C4, C5; B; T1, T2

Fonte: Dados extraídos dos dados do Comitê Paralímpico Internacional (IPC, 2018b)

Para Civatti (2012), o fortalecimento das competições e da modalidade ocorreu através da parceria entre o Comitê Paralímpico Internacional (IPC) com a União Ciclistica Internacional (UCI), onde, a modalidade foi estruturada junto às outras disciplinas do ciclismo pertencentes a este órgão. No Brasil o Paraciclismo iniciou no ano de 1992, sobre a administração do CPB (ROCHA, 2019). O quadro de competições do país, iniciou neste mesmo ano, através de sua participação nos jogos

Paralímpicos de Barcelona, com o atleta Rivaldo Gonçalves Martins na classe C2<sup>2</sup> (CIVATTI, 2012). Em sequência à primeira participação internacional, o Brasil mantém sua participação nas principais competições do calendário internacional do Paraciclismo até os dias atuais.

O primeiro campeonato de Paraciclismo realizado no Brasil, ocorreu em 1998, no estádio do Maracanã na cidade de Rio de Janeiro-RJ, e foi organizado devido a necessidade de um critério de qualificação, para preencher as duas vagas para as Paralimpiadas de Sidney em 2000 (ROCHA, 2019). Contudo, ainda não era possível oficializar um calendário nacional de competições, devido ao baixo número de atletas praticantes (ROCHA, 2019).

Em 2004, o CPB realizou os Jogos Paralímpicos do Brasil, em parceria com a Secretaria de Esportes do Estado de São Paulo, sendo que este evento foi usado como seletiva dos atletas que participariam dos Jogos Paralímpicos de Atenas no mesmo ano; onde foi selecionado o atleta Rivaldo Gonçalves da Silva para representar o país através do paraciclismo, neste evento (ROCHA, 2019).

Neste sentido, o CPB foi responsável por organizar a participação da delegação brasileira nos seguintes eventos: Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara, no ano de 2003; Campeonato Mundial de Pista e Estrada, no ano de 2006, em Aigle, Suíça; no Campeonato Mundial de Pista e Estrada, no ano de 2007, em Bourdeaux, França; Campeonato Pan-americano de Paraciclismo – Pista e Estrada, no ano de 2007, em Cali, Colômbia e todas as edições dos Jogos Paralímpicos de Verão que ocorreram no período de 1992 a 2008 (ROCHA, 2019).

No ano de 2007, o CPB criou oficialmente o Campeonato Brasileiro Paralímpico de Ciclismo, realizado em Brasília/DF (ROCHA, 2019). Neste mesmo ano o IPC e a UCI, assinam, em 07 de fevereiro de 2007, um acordo definitivo de transferência internacional da modalidade para a UCI (ROCHA, 2019). A partir disso, a UCI determina que as Confederações Esportivas Nacionais englobassem o paraciclismo como disciplina esportiva (IPC, 2018a).

Ressalta-se ainda, que até este período, a nomenclatura utilizada para designar a modalidade era somente Ciclismo ou Ciclismo Paralímpico, passando a

---

<sup>2</sup> C2 – classe que competem apenas os atletas que tenham espasticidade moderada, acometendo principalmente os membros inferiores, amputação com diversas combinações, com ou sem uso de prótese.

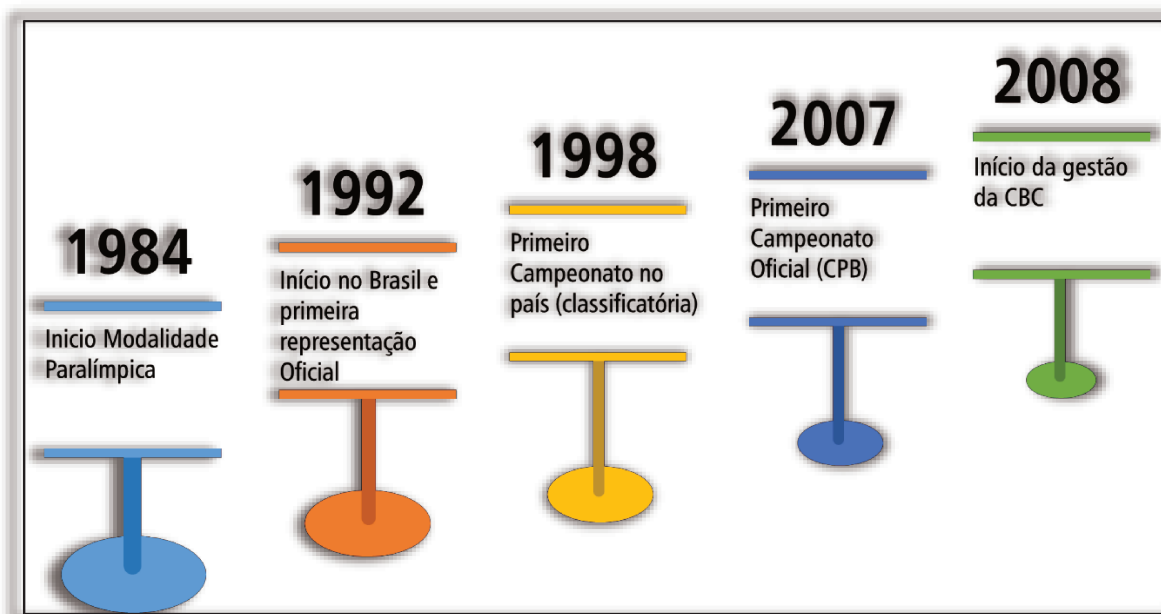
ser chamado de Paraciclismo, somente após a transferência da gestão da modalidade para a UCI (ROCHA, 2019). No Brasil, a nomenclatura “Paraciclismo” começou a ser utilizada no ano de 2012.

Consequentemente, a esta parceria, somente as entidades filiadas a UCI poderiam representar as nações nas competições oficiais, sendo que tiveram um prazo de até 12 meses, para que as Federações Nacionais assumissem as modalidades (ROCHA, 2019). A partir deste compromisso, os órgãos intendentos do Paraciclismo no Brasil, o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e a Confederação Brasileira de Ciclismo (CBC), deram início à transição e divulgação da modalidade.

Esta transição ocorreu através do Termo de Parceria Técnico Financeira, firmado com a Confederação Brasileira de Ciclismo, sob a orientação do Presidente do CPB, Vital Severino Neto (ROCHA, 2019). Este termo seguiu as orientações estabelecidas no acordo definitivo entre o IPC e a UCI (ROCHA, 2019). Inicialmente, a esta parceria, a CBC ficou responsável pela gestão técnica da modalidade e o CPB ficou responsável pela gestão financeira, onde era o responsável pelo pagamento das despesas necessárias para o cumprimento do planejamento definido pela CBC (ROCHA, 2019).

No ano seguinte, em 2008, a gestão do paraciclismo passou a ser de inteira responsabilidade da CBC, no qual passa a fazer parte das entidades reconhecidas pelo CPB (ROCHA, 2019). Assim, todo o recurso destinado a modalidade era descentralizado por meio de convênios, onde são firmados através de acordos com a apresentação de um Projeto específico de Plano de Trabalho; prática que é utilizada até os dias da atualidade (ROCHA, 2019). O quadro (2) abaixo, apresenta os principais momentos que marcaram o início do Paraciclismo brasileiro.



**Quadro 2 - Principais pontos que marcaram o início do Paraciclismo brasileiro**

Fonte: Dados extraídos da UCI (2018a); CBC (2018a)

Ainda neste contexto, o quadro (3) abaixo apresenta as provas realizadas no Brasil, desde o início (2008) até o ano de 2018.

**Quadro 3 - Edições dos Campeonatos de Paraciclismo no Brasil**

PROVA	Nº DE ETAPAS	LOCAL	ANO	ESTADOS PARTICIPANTES	Nº DE ATLETAS	CLASSES
Campeonato Paraolímpico Brasileiro de Ciclismo	1	SP	2008	CE, ES, GO, MG, PI, PR, RN, RJ, RS, SC, SP	65 (2 F/ 63 M)	HC, PC1, PC2, LC1, LC2, LC3, LC4, B
Campeonato Paraolímpico Brasileiro de Ciclismo	1	DF	2009	SP, MG, RJ, GO, PR, CE, DF, RN, PI, ES	49 (5 F/ 44 M)	LC1, LC2, LC3, LC4, PC Bike, Handbike, B
Campeonato Paraolímpico Brasileiro de Ciclismo	1	DF	2010	SP, SC, CE, PR, GO, RJ, MG, ES, DF, PI	57 (5 F/ 52 M)	Handbike, PC Bike, LC1, LC2, LC3, LC4, B
Campeonato Paraolímpico Brasileiro de Ciclismo	1	DF	2011	SP, MG, GO, SC, DF, PI, CE, RJ, RN, ES	66 (12 F/ 54 M)	C1, C2, C3, C4, C5, H2, H3, H4, B
Copa Brasil de Paraciclismo de Estrada	3	DF, SP, SC	2012	SP, ES, MG, PR, BA, SC, PB, RJ	54 (9 F/ 45 M)	C3, C4, C5, H1, H2, H3, T2, B
Copa Brasil de Paraciclismo de Estrada	4	SP, PR, RJ, SC	2013	RJ, SP, MG, SE, SC, PR, BA, ES, MT, PB, AL, RS	84 (13 F/ 71 M)	C1, C2, C3, C4, C5, H1, H2, H3, H4, T1, T2, B

Continua

## Continuação

Copa Brasil de Paraciclismo de Estrada	4	PR, SC, SP, RJ	2014	SP, RJ, MG, PR, CE, RS, SC, PA, ES, BA, MT, PB, RR, AL, SE	95 (13 F/ 82 M)	C1, C2, C3, C4, C5, H1, H2, H3, H4, H5, T2, B
Copa Brasil de Paraciclismo de Estrada	4	DF, RJ, SE, SC	2015	SP, CE, PR, SC, MG, RJ, DF, BA, MS, AL, ES, GO, PI, TO, PB, RR, RS, SE, RO	112 (23 F/ 89 M)	C1, C2, C3, C4, C5, H1, H2, H3, H4, H5, T1, T2, B
Copa Brasil de Paraciclismo de Estrada	4	SP, RJ, SE, SC	2016	SP, MG, RJ, RS, PR, AL, DF, MS, BA, ES, GO, SC, PB, RR, SE, RO, BA	102 (21 F/ 81 M)	C1, C2, C3, C4, C5, H1, H2, H3, H4, H5, T1, T2, B
Campeonato Brasileiro de Estrada	1	RJ	2017	SP, SC, ES, RJ, PR, MS, MG, BA, RR, ES, RS, PI, SE, RO, DF, BA	99 (14 F/ 85 M)	C1, C2, C3, C4, C5, H1, H2, H3, H4, H5, T1, T2, B
Copa Brasil	2	SP, GO	2017	SP, SC, MS, PR, MG, DF, RJ, GO, ES, RS, RR, AL, SE	82 (13 F/ 69 M)	C1, C2, C3, C4, C5, H1, H2, H3, H4, H5, T1, T2, B
Campeonato Brasileiro de Estrada	1	SP	2018	SP, MG, CE, SC, DF, RN, PR, RJ, GO, RR, RS, SE, PI, BA	80 (15 F/ 65 M)	C1, C2, C3, C4, C5, H1, H2, H3, H4, H5, T1, T2, B
Copa Brasil	2	SP	2018	SP, GO, DF, PR, PI, PE, BA, SC, MG, RR, RJ, SE, AP	94 (14 F/ 80 M)	C1, C2, C3, C4, C5, H1, H2, H3, H4, H5, T1, T2, B
Circuito Sul-americano de Paraciclismo	1	SP	2018	SP, MG, CE, SC, DF, RN, PR, RJ, GO, RR, RS, SE, PI, BA	104 (19 F/ 85 M)	C1, C2, C3, C4, C5, H1, H2, H3, H4, H5, T1, T2, B

Fonte: CBC (2018a)

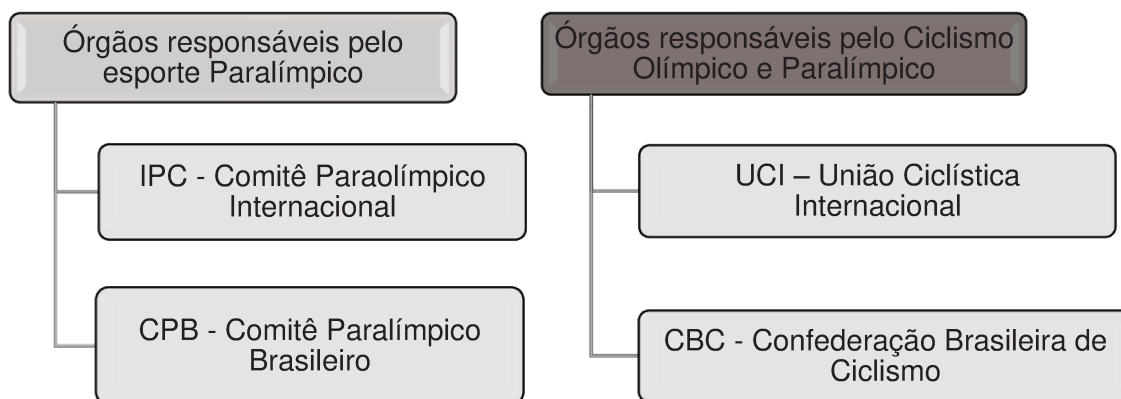
## 2.1.2 Entidades Regulamentadoras

Ao longo do tempo, a modalidade tem sofrido modificações acerca de seu funcionamento. Desde 2007, as regras que regem especificamente cada categoria, passaram a ser definidas pela UCI (IPC, 2018a). Com o crescimento da modalidade pelo mundo, a UCI determinou que as confederações do ciclismo nacionais englobassem o paraciclismo como disciplina modalidade junto às outras desenvolvidas diante do ciclismo.

Tejero *et al.* (2013), afirmam que o paraciclismo aparece como uma das primeiras modalidades a integrar em uma única instituição o esporte para pessoas com e sem deficiência. Neste sentido, temos delineado na figura (1) abaixo, as

principais entidades responsáveis pelo funcionamento das competições do Paraciclismo.

**Figura 1** - Organograma das Entidades Responsáveis pelo Funcionamento do Paraciclismo no Brasil e no Mundo



Nesse curso, cuja estrutura governamental foi se modelando ao longo dos tempos, percebe-se que foi alcançado e definido um sistema cabível às necessidades da modalidade e às capacidades das entidades envolvidas à sua organização e promoção.

## 2.2 CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL E AS CLASSES DO PARACICLISMO

Para que os atletas possam disputar de maneira mais justa, eles são separados em classes de acordo com o tipo e o grau da deficiência. Assim, “Uma classe esportiva é uma categoria que agrupa atletas dependendo de quanto sua deficiência impacta o desempenho em seu esporte” (IPC, 2018c, p. 4, tradução nossa).<sup>3</sup> Segundo o IPC (2018c), a classificação é específica para cada modalidade esportiva, uma vez que, seu objetivo busca reduzir o comprometimento da deficiência no resultado esportivo.

<sup>3</sup> A sport class is a category which groups athletes depending on how much their impairment impacts performance in their sport.

[...] para-atletas são colocados em categorias para a competição com base em sua deficiência, estes são chamados de classes de esporte. O sistema de classificação do IPC determina quais atletas são elegíveis para competir em um esporte e como os atletas são agrupados para a competição. Isso, em certa medida, é semelhante ao agrupamento de atletas por idade, sexo ou peso (IPC, 2018c, p.2, tradução nossa).<sup>4</sup>

Neste contexto, a classificação funcional no Paraciclismo, “avalia a capacidade do atleta baseado no prejuízo relevante para o seu comprometimento específico” (CIVATTI, 2012, p. 98). Os atletas são avaliados através de alguns testes pertinentes para cada tipo de deficiência (CIVATTI, 2012). A partir disso, é possível determinar em qual classe funcional o atleta irá competir “conforme o grau que sua deficiência afete os aspectos fundamentais do desempenho no ciclismo” (CIVATTI, 2012, p. 98).

A classificação funcional é realizada por uma banca de classificadores autorizados e capacitados por suas respectivas entidades (nacional ou internacional). Inicialmente o sistema de classificação foi desenvolvido com base na opinião de especialistas e, ao longo dos anos, os classificadores (incluindo os médicos, terapeutas, atletas e treinadores), passaram a liderar o desenvolvimento de novos sistemas de classificação (IPC, 2019).

Diante deste processo de amadurecimento do sistema de classificação funcional, o paraciclismo tem passado por mudanças significativas para minimizar o impacto da deficiência. Inicialmente eram três os tipos de classes existentes e, atualmente, com o aperfeiçoamento e o seguimento do sistema baseado em evidências proposto pelo IPC, esta modalidade paralímpica conta com 13 (treze) classes (Quadro 1 e 2). Com base nisto, a classificação do Paraciclismo é constituída por:

a. Classificação Médica, onde um médico ou fisioterapeuta “irá avaliar os laudos médicos, realizar testes musculares, e de mobilidade articular, reflexos, coordenação motora, entre outros, analisando, assim, suas potencialidades” (CBC, 2012, p. 3).

---

<sup>4</sup> “[...] para-athletes are placed in categories for competition based on their impairment, these are called sport classes. The IPC classification system determines which athletes are eligible to compete in a sport and how athletes are grouped together for competition. This, to a certain extent, is similar to grouping athletes by age, gender or weight.”

b. Classificação Esportiva, pode ser realizada por profissional da área médica ou por um especialista técnico da modalidade com formação (ou não) em educação física (IPC, 2018c; CBC, 2012). Estes especialistas analisam a “funcionalidade e a eficiência do movimento utilizado” para a prática da modalidade (CBC, 2012, p. 3).

Com o número crescente de atletas, a melhora considerável em suas performances e os avanços tecnológicos, muitas modificações têm sido propostas e implementadas nas últimas décadas na tentativa de realinhar o esporte de alto rendimento a uma classificação que acompanhe esta evolução (FREITAS e SANTOS, 2012). Assim, para cada modalidade no Esporte Paralímpico, é encontrada uma determinada regra de classificação, sendo que “essas regras são regidas pelas Federações Internacionais” (CBC, 2012, p. 4).

Nos esportes individuais o atleta recebe uma combinação de uma letra, normalmente a primeira do nome em inglês da modalidade, com um número relativo à habilidade dele. E nos esportes coletivos, além de receber essa combinação, há uma somatória de pontos para formar uma equipe, sendo que cada modalidade possui um valor diferente.

Com base nestas diretrizes, as classes encontradas no Paraciclismo atualmente, são apresentadas no quadro (4) abaixo. A organização destas classes, são formadas em ordem decrescente, ou seja, do diagnóstico clínico mais grave (representado pelo número 1) para o mais leve (representado pelos números consecutivos), sendo elas:

**Quadro 4 - Categorias encontradas no Paraciclismo**

<b>Atletas</b>	<b>Bicicleta utilizada</b>	<b>Classificação/Classe</b>
Deficientes Visual	Tandem	B1, B2 e B3
Amputados e/ou com diferença de membros.	Bicicleta individual	C1, C2, C3, C4 e C5
Disfunção locomotora grave (atetose/distonia/espasticidade e/ou ataxia), que impedem o uso seguro de uma bicicleta convencional devido à falta de equilíbrio.	Triciclo	T1 e T2
Cadeirantes ou atletas que atendem aos Critérios de Prejuízo Mínimo para Deficiência de Membros Inferiores que têm deficiências adicionais que impedem o uso seguro de uma bicicleta convencional, mas são capazes de usar a posição de rebaixamento em um ciclo de mão.	Handbike	H1, H2, H3, H4 e H5

Fonte: Dados extraídos da UCI (2018a)

## 2.3 PARACICLISMO E O ATLETA COM DEFICIÊNCIA

### 2.3.1 Deficiência Visual

A deficiência visual segundo Munster e Almeida (2005, p. 29), “é caracterizada pela perda parcial ou total da capacidade visual, em ambos os olhos, levando o indivíduo a uma limitação em seu desempenho habitual”. Os autores constataam ainda que, a deficiência visual, pode ser causada de forma congênita, ou adquirida (MUNSTER e ALMEIDA, 2005). Na congênita o indivíduo já nasce deficiente, já na causada de forma adquirida, o indivíduo a adquire devido algum fator diante de diversos tipos.

Além destas definições, entende-se que apesar das pessoas com deficiência visual apresentarem “comprometimento do órgão da visão, as modificações estruturais e anatômicas desencadeiam alterações que acarretam níveis diferenciados nas funções visuais” (MUNSTER e ALMEIDA, 2005, p. 36). Para que estas desvantagens sejam minimizadas, a deficiência visual é classificada em categorias de acordo com “os diferentes objetivos ou finalidades” (MUNSTER e ALMEIDA, 2005, p. 36).

Vários tipos de classificação da deficiência visual baseiam-se em parâmetros: *legais*, para efeito da elegibilidade em programas de assistência e obtenção de recursos junto à previdência social; *clínicos*, para o diagnóstico, tratamento e acompanhamento médico especializado; *educacionais*, relacionados aos recursos necessários para o processo de ensino-aprendizagem; e *esportivos*, como critério de divisão em diferentes categorias para competições e eventos esportivos (MUNSTER e ALMEIDA, 2005, p. 37).

Tomamos como foco neste trabalho a classificação que é definida para a deficiência visual em fins esportivos. Neste âmbito, a deficiência visual é classificada segundo a *Internacional Blind Sports Federation* e o IPC (IBSA, 2018a). A avaliação é realizada por médico especializado em oftalmologia e credenciado pelo IPC/IBSA (IBSA, 2018a). Este sistema de classificação tem como base o Gráfico de Teste de LogMAR<sup>5</sup>.

Esta classificação é estruturada por três subcategorias, onde, são formadas pela inicial da palavra *blind* (cego em inglês) (MUNSTER e ALMEIDA, 2005). Sem validar-se na classificação esportiva, o atleta fica inelegível e não pode competir (IBSA, 2018b). Para participação em eventos oficiais do paraciclismo, o atleta com deficiência visual, tem que passar por uma banca de classificação é classificado em três tipos de categorias segundo a (IBSA 2018b):

B1: Acuidade visual menor que 2.6 LogMAR

B2: Acuidade visual entre 1.5 a 2.6 LogMAR, e/ou campo visual entre 0 a 10°.

B3: Acuidade visual entre de 1.0 a 1.4 LogMAR, e/ou campo visual definido entre 10° e 40°.

Assim, estas definições, orientam também o quanto o resíduo visual pode nortear e oferecer de auxílio no rendimento (FREITAS e SANTOS, 2012). Neste sentido, no Paraciclismo, a bicicleta utilizada por atletas com deficiência visual, é a de modelo tandem, ou seja, bicicleta com dois acentos, onde o da frente é para o atleta piloto (vidente) e de trás é para o atleta com deficiência visual. A classe que estes atletas pertencem são:

---

<sup>5</sup> O Gráfico de Teste de LogMAR (Logaritmo do Ângulo Mínimo de Resolução), é um gráfico onde são apresentadas várias dimensões da letra 'E', ou seja, aumentam sistematicamente em progressão geométrica a fim de aferir a acuidade visual (IBSA, 2018b).

### Quadro 5 - Classificação dos Atletas com Deficiência Visual

#### **Tandem: B1 / B2 / B3**

Este grupo inclui atletas que possuem qualquer limitação visual. Esta classificação é baseada na visão remanescente, de acuidade e/ou campo visual.

Fonte: CBC (2012); IPC (2018a)



Figura 2 - Bicicleta de modelo Tandem

### 2.3.2 Deficiência Física/Motora

Neste campo estão incluídos atletas com amputação, alteração de membros e lesão medular. Neste sentido, elas são separadas em dois grupos, sendo elas definidas em: Locomotoras e Lesões Medulares.

#### *2.3.2.1 Amputação e alteração de membros*

Segundo Civatti (2012, p. 99), esta classe é definida por alterações decorrentes dos seguintes fatores: “amputações; deficiência de membros e diferença de comprimento dos membros; força muscular diminuída; deficiência na amplitude passiva de movimentos articulares; deficiências múltiplas que levam a limitações físicas permanentes e verificáveis”.

A bicicleta utilizada por estes atletas é semelhante as de competir no ciclismo Olímpico, com sua diferença marcada em algumas adaptações e, caso o atleta necessite, pode ainda haver um apoio para a parte amputada.





Figura 3 - Bicicleta Speed

Assim, de acordo com o grau da lesão, no Paraciclismo, estes atletas disputam as seguintes classes:

**Quadro 6 - Classificação dos Atletas com Amputação e/ou diferença de membros**

<b>Ciclismo C1:</b>
Este grupo inclui atletas com bicicletas, que tenham deficiência física com espasticidade severa, deambulação sem auxílio, amputação com ou sem uso de prótese.
<b>Ciclismo C2:</b>
Este grupo inclui atletas com bicicletas, que tenham deficiência física com espasticidade moderada, acometendo principalmente os membros inferiores, amputação com diversas combinações, com ou sem uso de prótese.
<b>Ciclismo C3:</b>
Este grupo inclui atletas com bicicletas, que tenham deficiência física com espasticidade moderada, acometendo principalmente os membros inferiores, amplitude de movimento limitada, amputação simples ou dupla, com ou sem prótese.
<b>Ciclismo C4:</b>
Este grupo inclui atletas com bicicletas, que tenham deficiência física com espasticidade leve, dificuldade de controle de guidão, amplitude de movimento limitada, amputação simples ou dupla, com ou sem prótese.
<b>Ciclismo C5:</b>
Este grupo inclui atletas com bicicletas, com menor comprometimento motor, pequenas incapacidades, amputação simples, com ou sem uso de prótese.

Fonte: CBC (2012); IPC (2018a)

### 2.3.2.2 Lesão Medular

Neste grupo de atletas, estão os que fazem uso da cadeira de rodas para se locomoverem. De acordo com Civatti (2012), as lesões medulares podem variar entre completas e incompletas (grau de comprometimento do tronco), sendo que, o grau da lesão é de fundamental conhecimento para sua classificação. A bicicleta utilizada por estes atletas é chamada de Handbike (*hand* = significa mão em inglês + *bike* = deriva de bicicleta). Esta bicicleta é composta por 3 (três) rodas, uma a frente e duas a trás, onde o atleta fica em posição deitada ou ajoelhada e a pedalada é impulsionada pelas mãos. Os atletas que ficam em posição de joelhos, dispõem ainda, do auxílio do tronco para impulsionar a pedalada.

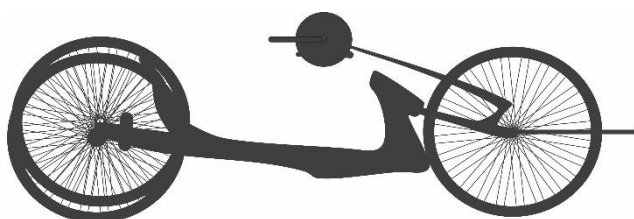


Figura 4 - Bicicleta de modelo Handbike

No Paraciclismo, estes atletas são agrupados nas seguintes classes:

#### Quadro 7 - Classificação dos Atletas com Lesões Medulares

<b>Handbike H1:</b>
Este grupo inclui atletas com handbike, com tetraplegia a nível da vertebra C6 ou acima, e grave atetose, ataxia, distonia. Perda de controle do tronco e pouca funcionalidade dos membros superiores, extensão limitada do cotovelo, quadriplegia simétrica ou assimétrica, espasticidade nos membros superiores e inferiores.
<b>Handbike H2:</b>
Este grupo inclui atletas com handbike, com tetraplegia a nível da vertebra C7/C8, e grave atetose, ataxia, distonia. Perda total da estabilidade do tronco e da função do membro inferior, quadriplegia simétrica ou assimétrica, espasticidade nos membros superiores e inferiores, com no mínimo grau dois de espasticidade.
<b>Handbike H3:</b>
Este grupo inclui atletas com handbike, com paraplegia com estabilidade de tronco muito limitada, quadriplegia moderada com ou sem atetose e ataxia, hemiplegia severa, diplegia grave e deficiências neurológicas.

Continua

Continuação

<b>Handbike H4:</b>
Este grupo inclui atletas com handbike, com paraplegia sem função dos membros inferiores, ou muito limitada, estabilidade normal ou quase de tronco, diplegia e atetose, ataxia, distonia, hemiplegia com espasticidade.
<b>Handbike H5:</b>
Este grupo inclui atletas com paraplegia, amputação unilateral ou bilateral, perda incompleta do membro inferior, hemiplegia com espasticidade, diplegia, leve atetose ou ataxia moderada.

Fonte: CBC (2012); IPC (2018a)

### 2.3.3 Paralisia Cerebral

Ainda sob as especificações de Civatti (2012, p. 98), temos neste grupo atletas que apresentam “dano central ou periférico, congênitas ou adquiridas”. Apresentam: “espasticidade; atetose; ataxia; distonia e concomitância de espasticidade/atetose/ataxia/distonia; lesões nervosas periféricas e força muscular diminuída”. (CIVATTI, 2012, p. 98). Desta forma, a bicicleta utilizada por estes atletas, é o Triciclo, (bicicleta com 1 (uma) roda dianteira e 2 (duas) rodas traseiras) onde, a forma deste tipo de bicicleta permite ao atleta manter-se em equilíbrio e sem risco de quedas, que poderiam ser acometidas pelo dano motor.



Figura 5 - Bicicleta de modelo Triciclo

A classe que estes atletas também são agrupados de acordo com o comprometimento da lesão, sendo classificados em:

**Quadro 8 - Classificação dos Atletas com Deficiência Neurológica**

<b>Triciclo: T1 / T2</b>
Este grupo inclui atletas com triciclo, com instabilidade sobre uma bicicleta, com membros inferiores e superiores comprometidos, que necessitam ou não de auxílio para deambular.

Fonte: CBC (2012); IPC (2018a)

**2.4 TIPOS DE PROVAS**

As regras aderidas tanto no Ciclismo Olímpico quanto no Paraciclismo, servem para nortear e fundamentar as provas disputadas para que se desenvolvam de maneira mais justa. Segundo a UCI (2018a), as competições especificam-se para as categorias de acordo com a deficiência. Ao todo, o Paraciclismo alcança em sua configuração técnica, uma totalidade de 13 classes esportivas para homens e mulheres com a faixa etária acima dos 18 anos conforme definição da UCI (UCI, 2018a).

Assim, temos dois tipos de provas: as de estrada e as de pista. Elas são caracterizadas por um percurso com meta de chegada, tomando como vencedor quem chega primeiro ou em melhor tempo. Desta forma, as provas de estrada são divididas em 3 (três) tipos (UCI, 2018a):

**Quadro 9 - Tipo de Provas em Estrada**

<b>TIPOS DE PROVA EM ESTRADA</b>	<b>CATEGORIAS E CLASSES FUNCIONAIS</b>	<b>CARACTERÍSTICA/OBJETIVO</b>
Resistência	Todas as classes das categorias Masculino e Feminino	Longa distância, onde, vence o atleta que chegar primeiro.
Contra-relógio	Todas as classes das categorias Masculino e Feminino	Prova individual, onde os ciclistas largam de 1 em 1 minuto, vencendo o ciclista que fizer o percurso em menor tempo.
Team Relay (TR)	Handbike/ Masculino e Feminino	Tomada de tempo de 3 (três) voltas em um percurso de aproximadamente 2 (dois)km. É realizada por equipes de 3 (três) Handbikers (com diferentes classes funcionais), onde um atleta realiza cada volta em revezamento com outro da mesma equipe.

Fonte: Dados extraídos dos dados da UCI (2018a)

Já as provas de pista, por sua vez, são direcionadas a todas as classes C e B (tandem), pois, são modalidades em que a bicicleta não oferece três rodas como formação. Esta definição é considerada por conta da segurança para a prática, sendo assim, não participam deste tipo de prova as bicicletas do tipo: Handbike e Triciclo. Este tipo de prova é realizado em uma pista de formato oval chamada de velódromo. Esta pista varia de 133 a 500 metros, sendo definida conforme o tipo de campeonato.

Para tanto, o velódromo deve obedecer a metragem de 250 metros de comprimento para a realização de Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos e Paralímpicos (UCI, 2018c). O tamanho da pista não altera o percurso que compõe cada prova realizada no velódromo. As bicicletas utilizadas para as provas no velódromo não devem possuir marchas e freios (CIVATTI, 2012). Neste sentido, o quadro (10) abaixo demonstra as provas realizadas no Paraciclismo.

**Quadro 10 - Tipo de Provas em Pista**

<b>TIPOS DE PROVAS EM VELÓDROMO</b>	<b>CATEGORIAS E CLASSES FUNCIONAIS</b>	<b>CARACTERÍSTICA/OBJETIVO</b>
Perseguição Individual (4.000 metros – 16 voltas)	Masculino: C4, C5 e B.	Sobre lados opostos, larga um atleta de cada equipe, com o objetivo de fazer as voltas em menor tempo que o adversário.
Perseguição individual (3.000 metros – 12 voltas)	Masculino: C1, C2, C3. Feminino: C1, C2, C3, C4, C5 e B.	Sobre lados opostos, larga um atleta de cada equipe, com o objetivo de fazer 3.000 metros (12 voltas), em menor tempo.
1 Km Time Trial (1.000 metros – 4 voltas)	Masculino: C1, C2, C3, C4, C5 e B. Feminino: B.	Realizada, individualmente, uma tomada de tempo à distância alvo.
500 m Time Trial (500 metros – 2 voltas)	Feminino: C1, C2, C3 C4 e C5.	Realizada, individualmente, uma tomada de tempo na distância de 500 metros (2 voltas).
Scratch race (15 Km – 60 voltas)	Masculino: C1, C2, C3, C4 e C5.	Larga todas as equipes juntas, vencendo quem terminar primeiro.
Scratch race (10 Km – 40 voltas)	Feminino: C1, C2, C3, C4 e C5.	Larga todas as equipes juntas, vencendo quem terminar primeiro.
Tandem Sprint	Masculino e Feminino: B.	Percorrem 3 (três) voltas no velódromo, sendo válido quem fizer o melhor tempo dos últimos 200 metros.
Team Sprint (velocidade por equipes)	Masculino: C1, C2, C3, C4 e C5. Feminino: C1, C2, C3, C4 e C5.	Percorrem 3 (três) voltas no velódromo, sendo válido quem fizer o melhor tempo dos últimos 200 metros.

Fonte: Dados extraídos dos dados da UCI (2018a)

## 2.4 RESULTADOS DO BRASIL NO CENÁRIO INTERNACIONAL

O Brasil tem se destacado no cenário internacional, desde sua estreia nas primeiras provas internacionais. Suas principais conquistas podem ser analisadas em um processo cronológico, agrupados pelos tipos de campeonatos existentes no calendário internacional, através das tabelas abaixo.

**Tabela 2 - Resultados do Brasil em Jogos Paralímpicos**

EVENTO	ANO	LOCAL	MEDALHA	NOME DO ATLETA	CLASSE	PROVA
Jogos Paralímpicos	2016	Rio de Janeiro – BRA	Prata	Lauro César Moro Chaman	C5	Estrada
Jogos Paralímpicos	2016	Rio de Janeiro – BRA	Bronze	Lauro César Moro Chaman	C5	Contra Relógio

Fonte: Dados extraídos dos dados do IPC e da UCI, adaptado por Rocha (2019)

**Tabela 3 - Resultados do Brasil em Jogos Parapan-Americanos**

EVENTO	ANO	LOCAL	MEDALHA	NOME DO ATLETA	CLASSE	PROVA
Jogos Parapan-Americanos de Mar Del Plata	2003	Mar Del Plata – ARG	Ouro	Rivaldo Gonçalves Martins	C4	Estrada
Jogos Parapan-Americanos de Mar Del Plata	2003	Mar Del Plata – ARG	Ouro	Rivaldo Gonçalves Martins	C5	Contra Relógio
Jogos Parapan-Americanos de Mar Del Plata	2003	Mar Del Plata – ARG	Bronze	Roberto Carlos Silva	C5	Contra Relógio
Pan-Americano de Cali <sup>6</sup>	2007	Cali – COL	Ouro	Soelito Gohr	C5	Perseguição 4km
Pan-Americano de Cali <sup>6</sup>	2007	Cali – COL	Prata	Rivaldo Gonçalves Martins	C4	Contra Relógio
Pan-Americano de Cali <sup>6</sup>	2007	Cali – COL	Ouro	Flaviano Eudóximo de Carvalho	C2	Estrada
Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara	2011	Guadalajara – MEX	Ouro	Soelito Gohr	C5	Estrada
Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara	2011	Guadalajara – MEX	Ouro	Soelito Gohr	C5	Contra Relógio
Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara	2011	Guadalajara – MEX	Prata	Soelito Gohr	C5	Perseguição 4km
Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara	2011	Guadalajara – MEX	Bronze	Soelito Gohr	C5	1KM Contra relógio

Continua

<sup>6</sup> No ano de 2007, os Jogos Parapan-americanos, foram realizados na cidade do Rio de Janeiro, que optou por não fazer a modalidade de Paraciclismo, com isso a UCI e IPC autorizou a Colômbia a realizar o Pan-americano de Paraciclismo no mesmo ano, contando os mesmos pontos e tendo os mesmos efeitos das modalidades realizadas no Rio de Janeiro.

## Continuação

Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara	2011	Guadalajara – MEX	Ouro	João Alberto Schwindt Filho	C5	Perseguição 4km
Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara	2011	Guadalajara – MEX	Bronze	João Alberto Schwindt Filho	C5	Estrada
Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara	2011	Guadalajara – MEX	Bronze	João Alberto Schwindt Filho	C5	Contra Relógio
Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara	2011	Guadalajara – MEX	Prata	Jady Martins Malavazzi	H3	Estrada
Jogos Parapan-Americanos de Toronto	2015	Toronto - CAN	Ouro	Lauro César Moro Chaman	C5	Estrada
Jogos Parapan-Americanos de Toronto	2015	Toronto - CAN	Ouro	Lauro César Moro Chaman	C5	Contra Relógio
Jogos Parapan-Americanos de Toronto	2015	Toronto - CAN	Prata	Lauro César Moro Chaman	C5	Perseguição 4km
Jogos Parapan-Americanos de Toronto	2015	Toronto - CAN	Bronze	Luciano da Rosa Piloto: Edson de Resende	B	Perseguição 4km
Jogos Parapan-Americanos de Lima	2019	Lima – PER	Ouro	Lauro César Moro Chaman	C5	Perseguição 4Km
Jogos Parapan-Americanos de Lima	2019	Lima – PER	Prata	Lauro César Moro Chaman	C5	Contra Relógio
Jogos Parapan-Americanos de Lima	2019	Lima – PER	Ouro	Lauro César Moro Chaman	C5	Estrada
Jogos Parapan-Americanos de Lima	2019	Lima – PER	Bronze	Marcia Ribeiro Gonçalves Fanhanni Piloto: Cristiane Pereira da Silva	B	Perseguição Individual 3Km
Jogos Parapan-Americanos de Lima	2019	Lima – PER	Bronze	Marcia Ribeiro Gonçalves Fanhanni Piloto: Cristiane Pereira da Silva	B	1 Km Contra Relógio
Jogos Parapan-Americanos de Lima	2019	Lima – PER	Bronze	Marcia Ribeiro Gonçalves Fanhanni Piloto: Cristiane Pereira da Silva	B	Resistência
Jogos Parapan-Americanos de Lima	2019	Lima – PER	Bronze	Eduardo Ramos Pimenta	H3	Contra Relógio
Jogos Parapan-Americanos de Lima	2019	Lima – PER	Ouro	Eduardo Ramos Pimenta	H3	Resistência

Fonte: Dados extraídos dos dados do IPC e da UCI, adaptado por Rocha (2019)

**Tabela 4 - Resultados do Brasil em Campeonato Mundial**

<b>EVENTO</b>	<b>ANO</b>	<b>LOCAL</b>	<b>MEDALHA</b>	<b>NOME DO ATLETA</b>	<b>CLASSE</b>	<b>PROVA</b>
Campeonato Mundial de Paraciclistismo IPC	1994	BEL	Ouro	Rivaldo Gonçalves Martins	C4	Contra Relógio
Mundial de Estrada UCI	2009	Bogogno - ITA	Ouro	Soelito Gohr	C5	Estrada
Mundial de Estrada UCI	2009	Bogogno - ITA	Bronze	Soelito Gohr	C5	Contra Relógio
Mundial de Estrada UCI	2010	Baie-Comeau – CAN	Ouro	Soelito Gohr	C5	Estrada
Mundial de Estrada UCI	2010	Baie-Comeau – CAN	Prata	Lauro César Moro Chaman	C5	Estrada
Mundial de Estrada UCI	2010	Baie-Comeau – CAN	Bronze	João Alberto Schwindt Filho	C5	Estrada
Mundial de Estrada UCI	2010	Baie-Comeau – CAN	Bronze	Lauro César Moro Chaman	C5	Contra Relógio
Mundial de Estrada UCI	2011	Roskilde - DEN	Prata	João Alberto Schwindt Filho	C5	Estrada
Mundial de Estrada UCI	2011	Roskilde - DEN	Bronze	João Alberto Schwindt Filho	C5	Contra Relógio
Mundial de Estrada UCI	2011	Roskilde - DEN	Bronze	Soelito Gohr	C5	Estrada
Mundial de Pista UCI	2014	Águas Calientes – MEX	Ouro	Soelito Gohr	C5	Scratch
Mundial de Estrada UCI	2014	Greenville - USA	Prata	Lauro César Moro Chaman	C5	Estrada
Mundial de Pista UCI	2015	Apeldoorn - NED	Prata	Soelito Gohr	C5	Scratch
Mundial de Pista UCI	2017	Los Angeles – USA	Prata	Lauro César Moro Chaman	C5	Perseguição 4km
Mundial de Pista UCI	2017	Los Angeles – USA	Bronze	Lauro César Moro Chaman	C5	1KM
Mundial de Pista UCI	2017	Los Angeles – USA	Bronze	Lauro César Moro Chaman	C5	Scratch
Mundial de Estrada UCI	2017	Pietermaritzburg – RSA	Ouro	Lauro César Moro Chaman	C5	Estrada
Mundial de Estrada UCI	2017	Pietermaritzburg – RSA	Bronze	Lauro César Moro Chaman	C5	Contra Relógio
Mundial de Pista UCI	2018	Rio de Janeiro – BRA	Ouro	Lauro César Moro Chaman	C5	Scratch
Mundial de Estrada UCI	2018	Maniago - ITA	Prata	Lauro César Moro Chaman	C5	Contra Relógio
Mundial de Estrada UCI	2018	Maniago - ITA	Bronze	Jady Martins Malavazzi	H3	Contra Relógio
Mundial de Estrada UCI	2018	Maniago - ITA	Bronze	Jady Martins Malavazzi	H3	Estrada
Mundial de Estrada UCI	2019	Emmen - NED	Bronze	Lauro César Moro Chaman	C5	Contra Relógio

Fonte: Dados extraídos dos dados do IPC e da UCI, adaptado por Rocha (2019)



**Tabela 5 - Resultados do Brasil em Copa do Mundo**

<b>EVENTO</b>	<b>ANO</b>	<b>LOCAL</b>	<b>MEDALHA</b>	<b>NOME DO ATLETA</b>	<b>CLASSE</b>	<b>PROVA</b>
Copa do Mundo de Estrada UCI	2011	Baie-Comeau – CAN	Ouro	João Alberto Schwindt Filho	C5	Contra Relógio
Copa do Mundo de Estrada UCI	2011	Baie-Comeau – CAN	Prata	Soelito Gohr	C5	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2011	Baie-Comeau – CAN	Prata	João Alberto Schwindt Filho	C5	Contra Relógio
Copa do Mundo de Estrada UCI	2011	Baie-Comeau – CAN	Bronze	Soelito Gohr	C5	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2011	Segóvia - ESP	Bronze	Soelito Gohr	C5	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2012	Baie-Comeau – CAN	Ouro	Soelito Gohr	C5	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2012	Baie-Comeau – CAN	Ouro	João Alberto Schwindt Filho	C5	Contra Relógio
Copa do Mundo de Estrada UCI	2012	Baie-Comeau – CAN	Prata	João Alberto Schwindt Filho	C5	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2012	Baie-Comeau – CAN	Prata	Soelito Gohr	C5	Contra Relógio
Copa do Mundo de Estrada UCI	2012	Roma - ITA	Prata	João Alberto Schwindt Filho	C5	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2014	Segóvia - ESP	Prata	Soelito Gohr	C5	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2015	Elzach - GER	Prata	Lauro César Moro Chaman	C5	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2016	País Basco – ESP	Prata	Jady Martins Malavazzi	H3	Contra Relógio
Copa do Mundo de Estrada UCI	2016	País Basco – ESP	Bronze	Jady Martins Malavazzi	H3	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2016	Ostend - BEL	Ouro	Lauro César Moro Chaman	C5	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2016	Ostend - BEL	Ouro	Lauro César Moro Chaman	C5	Contra Relógio
Copa do Mundo de Estrada UCI	2017	Emmen - NED	Prata	Lauro César Moro Chaman	C5	Contra Relógio
Copa do Mundo de Estrada UCI	2017	Maniago - ITA	Ouro	Lauro César Moro Chaman	C5	Contra Relógio
Copa do Mundo de Estrada UCI	2017	Maniago - ITA	Prata	Lauro César Moro Chaman	C5	Estrada

Continua

## Continuação

Copa do Mundo de Estrada UCI	2017	Maniago - ITA	Prata	Jady Martins Malavazzi	H3	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2017	Ostend - BEL	Ouro	Lauro César Moro Chaman	C5	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2017	Ostend - BEL	Prata	Lauro César Moro Chaman	C5	Contra Relógio
Copa do Mundo de Estrada UCI	2017	Ostend - BEL	Bronze	Jady Martins Malavazzi	H3	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2018	Baie-Comeau – CAN	Prata	Jady Martins Malavazzi	H3	Contra Relógio
Copa do Mundo de Estrada UCI	2018	Emmen - NED	Prata	Jady Martins Malavazzi	H3	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2018	Ostend - BEL	Ouro	Lauro César Moro Chaman	C5	Contra Relógio
Copa do Mundo de Estrada UCI	2019	Corridonia - ITA	Ouro	Lauro César Moro Chaman	C5	Contra Relógio
Copa do Mundo de Estrada UCI	2019	Corridonia - ITA	Prata	Lauro César Moro Chaman	C5	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2019	Corridonia - ITA	Bronze	Marcia Ribeiro Gonçalves Fanhanni Piloto: Cristiane Pereira da Silva	B	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2019	Corridonia - ITA	Bronze	Marcia Ribeiro Gonçalves Fanhanni Piloto: Cristiane Pereira da Silva	B	Contra Relógio
Copa do Mundo de Estrada UCI	2019	Corridonia - ITA	Bronze	Carlos Alberto Gomes Soares	C1	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2019	Corridonia - ITA	Bronze	Victoria Maria de Camargo e Barbosa	C2	Contra Relógio
Copa do Mundo de Estrada UCI	2019	Ostend - BEL	Prata	Lauro César Moro Chaman	C5	Contra Relógio
Copa do Mundo de Estrada UCI	2019	Ostend - BEL	Bronze	Carlos Alberto Gomes Soares	C1	Estrada
Copa do Mundo de Estrada UCI	2019	Baie-Comeau- CAN	Prata	Lauro César Moro Chaman	C5	Contra Relógio
Copa do Mundo de Estrada UCI	2019	Baie-Comeau- CAN	Ouro	Lauro César Moro Chaman	C5	Estrada

Fonte: Dados extraídos dos dados do IPC e da UCI, adaptado por Rocha (2019)

A Copa do Mundo de Paraciclismo de Estrada Este é realizada anualmente, através de três etapas, sendo que para a definição do campeão geral, é considerado os dois melhores resultados do atleta para a soma geral de pontos (CBC, 2019, adaptado por ROCHA, 2019). O atleta pode participar deste evento, representando a seleção nacional do seu país, ou como, atleta avulso, representando o seu clube.

Contudo, os pontos e medalhas são considerados para o país de nacionalidade do atleta (CBC, 2019, adaptado por ROCHA, 2019).

Com base nestes dados, segue abaixo o quadro geral de medalhas do Brasil nos campeonatos internacionais (Tabela 6).

**Tabela 6 - Quadro de Medalhas do Brasil em Campeonatos Internacionais**

<b>Campeonato</b>	<b>Ouro</b>	<b>Prata</b>	<b>Bronze</b>	<b>Total</b>
Parapan-Americano de estrada e TT	9	2	5	16
Parapan-Americano de pista	3	3	4	10
Mundial de Estrada	4	4	9	17
Mundial de Pista	2	2	2	6
Copa do Mundo de Estrada	10	17	9	36
Jogos Paralímpicos - Estrada	-	1	1	2
Jogos Paralímpicos - Pista	-	-	-	-
<b>Total de medalhas em provas internacionais de 1992 a 2019</b>	<b>24</b>	<b>27</b>	<b>25</b>	<b>87</b>

Fonte: Dados extraídos dos dados do IPC (2018b); UCI (2018a)

## 2.5 CONFIGURAÇÃO DO PARACICLISMO BRASILEIRO NA ATUALIDADE

No Brasil, o Paraciclismo tem configurado sua estrutura desde o início, com as primeiras participações internacionais (1992) e com a realização da primeira prova nacional (1998), até os dias da atualidade. Estas configurações partiram, ainda, desde a sua governança ao número de provas realizadas no país. Com base nisto, nota-se que, diante do calendário oficial de provas, iniciado no ano de 2007, realizou no primeiro ano, apenas um Campeonato Brasileiro Paralímpico de Ciclismo. No ano de 2012, entrou para o calendário, no lugar do Campeonato Brasileiro, a Copa Brasil de Paraciclismo, composta por 4 etapas. Este calendário foi mantido até o ano de 2016 (Tabela 7).

**Tabela 7 - Calendário das Provas de Paraciclismo realizadas no Brasil em 2016**

<b>DATA</b>	<b>EVENTO</b>	<b>CIDADE</b>
20/05/2016 até 22/05/2016	Copa Brasil de Paraciclismo #1	Araraquara – SP – Brasil
17/06/2016 até 19/06/2016	Copa Brasil de Paraciclismo #2	Rio de Janeiro – RJ - Brasil
08/09/2016 até 11/09/2016	Jogos Paralímpicos – Rio 2016 – Track	Rio de Janeiro – Brasil
14/09/2016 até 14/09/2016	Jogos Paralímpicos – Rio 2016 – Time Trial	Rio de Janeiro – Brasil
15/09/2016 até 16/09/2016	Jogos Paralímpicos – Rio 2016 – Road Race	Rio de Janeiro – Brasil
14/10/2016 até 16/10/2016	Copa Brasil de Paraciclismo #3	São José – SC – Brasil
25/11/2016 até 27/11/2016	Copa Brasil de Paraciclismo #4	Aracajú – SE – Brasil

Fonte: CBC (2018b)

Na última etapa da Copa Brasil de Paraciclismo, era definido o campeão através de uma somatória de pontos de todas as quatro etapas. Desde 2017, estas etapas foram reduzidas em duas e o objetivo delas passou a ser como provas que somam pontos no ranking geral no cenário nacional dos atletas. Além disso, voltou a realização do Campeonato Brasileiro de Paraciclismo de Estrada, sendo este o campeonato que define o campeão brasileiro atualmente.

Existem ainda outras provas que entraram para o calendário da CBC, no caso o GP Paulista de Paraciclismo, onde é idealizada pela Federação Paulista de Ciclismo (FPC). O número de etapas varia de acordo com a definição da Federação Paulista. Já o ano de 2018, o calendário nacional, foi ainda, marcado pela realização de provas do calendário internacional no Brasil. Pela primeira vez, o país sediou o Campeonato Mundial de Paraciclismo e o Circuito Pan-Americano de Paraciclismo (Tabela 8).

**Tabela 8 - Calendário de Provas do Paraciclismo realizadas no Brasil no ano de 2018**

<b>DATA</b>	<b>EVENTO</b>	<b>CIDADE</b>
18/02/2018 até 18/02/2018	GP Paulista de Paraciclismo – Taubaté	Taubaté – SP – Brasil
22/03/2018 até 25/03/2018	Campeonato Mundial de Paraciclismo de Pista 2018	Rio de Janeiro – RJ – Brasil
13/04/2018 até 15/0/2018	Copa Brasil de Paraciclismo de Estrada 2018 – 1ª Etapa	Indaiatuba/SP – Brasil
22/06/2018 até 24/06/2018	Copa Brasil de Paraciclismo de Estrada 2018 – 2ª Etapa	Leme – SP – Brasil
24/08/2018 até 26/08/2018	Circuito Pan-Americano de Paraciclismo de Estrada 2018	São Caetano do Sul – SP – Brasil
23/11/2018 até 25/11/2018	Campeonato Brasileiro de Paraciclismo de Estrada 2018	A definir – Brasil

Fonte: CBC (2018b)

Com relação ao número de atletas, atualmente (ano de 2019) existem  $n = 384$  atletas filiados à modalidade. Destes atletas,  $n = 191$ , pertencem a clubes e  $n = 193$ , competem como avulso. Nota-se que o aumento do número de atletas, foi acontecendo gradativamente, por intermédio da relação ente os órgãos CPB e CBC, pois trabalharam e traçaram em parceria o processo de divulgação da modalidade no Brasil.

Embora o número de atletas filiados seja significativo ( $n = 384$ ), há uma variância entre 90 (noventa) e 100 (cem) atletas ativos, ou seja, que estão competindo as provas nacionais no Paraciclismo. Esta variação ocorre ainda, entre novos atletas e atletas já filiados. Com relação aos clubes, embora exista um número significativo de atletas que participam das provas de maneira avulsa (sem integrar algum clube), há atualmente 67 clubes (todos ativos), ou seja, a maioria dos atletas participa dos campeonatos nacionais através de algum clube.

É possível ainda, identificar que desde sua introdução no Brasil, até os dias da atualidade, o Paraciclismo alcançou todas as regiões do país em 24 (vinte e quatro) estados e o Distrito Federal. Destes estados, não foram identificados representatividade através de atletas no Paraciclismo, no estado do Acre (região Norte) e no estado do Maranhão (região Nordeste).

**Figura 6 - Mapa das Regiões em que apresenta representação do Paraciclismo através de atletas**



Fonte: Dados extraídos dos dados da CBC (2019)

Do princípio até a atualidade, a região Norte é a região que apresenta o menor alcance, em número de atletas, que competiram no Paraciclismo.

**Tabela 9 - Representatividade de atletas na Região Norte e Nordeste**

NORTE	
Acre – AC	00
Amapá – AP	01
Amazonas – AM	02
Pará – PA	01
Rondônia – RO	01
Roraima – RR	03
Tocantins – TO	01
NORDESTE	
Alagoas – AL	01
Bahia – BA	03
Ceará- CE	06
Maranhão – MA	00
Paraíba – PB	03
Pernambuco - PE	07
Piauí – PI	03
Rio Grande do Norte - RN	06
Sergipe – SE	12

Fonte: Dados extraídos dos dados da CBC (2019)

O maior número de atletas alcançados até a atualidade, é encontrado nas regiões Sudeste e Sul.

**Tabela 10** - Representatividade de atletas na Região Centro-Oeste, Sudeste e Sul

<b>CENTRO-OESTE</b>	
Goiás – GO	10
DF	11
Mato Grosso - MT	03
Mato Grosso do Sul - MS	02
<b>SUDESTE</b>	
Espirito Santo - ES	07
Minas Gerais - MG	21
Rio de Janeiro - RJ	40
São Paulo – SP	131
<b>SUL</b>	
Santa Catarina - SC	61
Paraná – PR	34
Rio Grande do Sul - RS	15

Fonte: Dados extraídos dos dados da CBC (2019)

Assim, o alcance que o Paraciclismo somou nas regiões do país, são: Norte (n) 09 atletas; Nordeste (n) 41 atletas; Centro-Oeste (n) 26 atletas; Sudeste (n) 199 atletas e Sul (n) 110 atletas.

## MATERIAL E MÉTODOS

### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Este estudo, é de natureza descritiva, pois, este tipo de pesquisa busca a resolução de problemas assim como o alcance das melhores práticas, através da descrição direta e objetiva (THOMAS, NELSON e SILVERMAN, 2012). Segundo Triviños (1987, p. 110), este tipo de estudo ainda busca “descrever “com exatidão” os fatos e fenômenos de determinada realidade”.

O presente estudo, caracterizou-se, como um *survey*, uma vez que, “o pesquisador procura determinar as práticas (ou opiniões) presentes em uma população específica (THOMAS, NELSON e SILVERMAN, 2012, p. 293).

#### 3.1.1 Instrumento para coleta de dados

Como instrumento para a coleta dos dados, foi utilizado um questionário elaborado pelos pesquisadores. Este questionário foi baseado nos principais pontos diante do desenvolvimento e configuração da modalidade, identificados pelos pesquisadores, como sendo os pontos chave para este estudo.

As perguntas do questionário foram verificadas por três especialistas da área do esporte paralímpico, dando aos pesquisadores a oportunidade de refiná-las. Estes especialistas são professores-pesquisadores e atuam há mais de 10 anos em pesquisas sobre o Esporte Paralímpico, além de fazerem parte de programas e ações junto ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Após as revisões e as discussões, suas sugestões foram incorporadas para melhorar a legibilidade e funcionalidade do questionário.

Este método foi escolhido, por ser tratar de uma das técnicas de *survey* utilizadas na pesquisa descritiva e no qual consiste em obter as informações “pedindo-se aos participantes que respondam às questões em vez de analisar seu comportamento” (THOMAS, NELSON e SILVERMAN, 2012, p. 293).



### 3.1.2 População e amostra

Os sujeitos que participaram deste estudo, foram considerados por estarem atuando como técnicos, dirigentes e atletas na delegação do paraciclismo brasileiro. Segundo Thomas, Nelson e Silverman (2012, p. 294), “a representatividade da amostra é mais importante do que o seu tamanho”. O critério de seleção da amostra foi por conveniência, pela definição de Levy e Lemeshow (1980); Lwanga Lemeshow (1991), onde a amostra da presente pesquisa pode ser classificada como não probabilística acidental, ou também chamada de não probabilística por conveniência, em que o pesquisador seleciona os participantes da pesquisa pela facilidade de acesso.

Os dados coletados buscaram analisar e compreender a evolução, as principais dificuldades e as propostas de intervenção a serem tomadas diante da modalidade. Estes dados foram coletados em dois momentos para os quais foram separados em três grupos denominados e formados por:

- Grupo A: grupo composto pelos técnicos da seleção brasileira de Paraciclismo.
- Grupo B: grupo composto pelos dirigentes da modalidade no país.
- Grupo C: grupo composto pelos atletas da Seleção Brasileira de Paraciclismo.

Este agrupamento foi feito para que se possa analisar dados de diferentes pontos de vista sobre o tema deste estudo.

**Tabela 11 - Caracterização da População**

Participante	Professor de Educação Física	Praticou ciclismo	Envolvimento em outra modalidade Paralímpica	Como conheceu o Paraciclismo	Grupo
P1	Sim	Sim	Não	Através de atleta	A
P2	Sim	Sim	Não	Através de atleta	A
P3	Sim	Não	Sim	Através do CPB	B
P4	Não	Sim	Não	Através do CPB	B
P5	Não	Sim	Não	Amigos	C
P6	Não	Sim	Sim	Amigos	C

### 3.1.3 Local da Pesquisa

O questionário foi aplicado durante o congresso técnico de três eventos no Brasil: a primeira etapa da Copa Brasil de Paraciclismo, realizada em Leme - SP, no dia 22 de junho de 2018, o Circuito Sul Americano de Paraciclismo, realizado em São Caetano do Sul – SP, no dia 24 de agosto de 2018 e o Campeonato Brasileiro de Estrada, realizado em São Carlos em novembro de 2018.

## 3.2 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi definida após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp – CEP, assim como a autorização do órgão responsável pelo desenvolvimento do Paraciclismo no Brasil. Em consonância aos aspectos éticos que norteiam pesquisas que envolvam contato com seres humanos para obtenção dos dados, este estudo foi conduzido mediante as conformidades solicitadas pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) através da resolução nº 196/96. Assim, o presente estudo foi aprovado no dia 21 de maio de 2018, sob o CAAE: 87001318.6.0000.5404.

Os entrevistados foram contatados e convidados a participar do estudo respondendo um questionário impresso (Apêndice III), contendo dez perguntas (duas fechadas e oito abertas). A aplicação do questionário foi realizada na presença dos pesquisadores responsáveis, sendo que todos os participantes foram orientados sobre todo o procedimento antes, além de poderem retirar dúvidas caso necessário. Antes de responderem as questões, os participantes ainda, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice I), entregue em duas vias, explicando os procedimentos, objetivos, seguridade e importância da participação no estudo.

Os participantes foram esclarecidos quanto a recusa em participar do estudo em qualquer momento, sem que sofram qualquer prejuízo. Foi ainda, assegurado aos participantes, a identidade preservada sob sigilo. Os dados obtidos ficam à disposição dos participantes, bastando-se apenas o contato com os pesquisadores (e-mail ou telefone).

### 3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados através da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011). Esta técnica é definida por Bardin (2011, p. 48), como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Segundo Bardin (2011, p. 48), esta abordagem consiste em “efetuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens)”. A autora define ainda, que, processo de Análise de Conteúdo, consiste no seguimento de três etapas, sendo:

1) Pré-análise – período em que são sistematizadas as ideias iniciais, conduzindo-as num sistema indispensável para o desenvolvimento das próximas ações de análise.

2) Exploração do Material – consiste em operações de codificação, classificação e categorização dos dados.

3) Tratamento dos resultados, a inferência e interpretação – análise minuciosa dos dados obtidos pela etapa anterior, a fim de interpretá-los consoante ao objetivo previsto.

A vista disso, para a análise dos dados do presente estudo, será utilizada a técnica de análise de enunciação, pois, “apoia-se numa concepção da comunicação como processo e não como dado. Esta técnica estrutura-se desviando das estruturas e dos elementos formais” e, tem como premissa, a “concepção do discurso como palavra em ato”, que, por conseguinte, não se configura como um produto acabado (BARDIN, 2011, p. 217).

## 4 RESULTADOS

A partir da análise dos dados, foram identificados os aspectos importantes sobre o pensamento dos dirigentes, técnicos e atletas, com relação ao desenvolvimento do Paraciclismo no Brasil. As primeiras 5 questões, são questões cadastrais e foram utilizadas para caracterizar a população e amostra do estudo. As demais questões (5), foram referentes ao objetivo do estudo, sendo que foram identificadas a partir delas, as seguintes temáticas emergentes conduzidas para a discussão:

1. *Evolução*: indica os principais pontos que estruturaram a evolução da modalidade no Brasil. As questões que nortearam este ponto foram: “6. O quanto evoluiu a modalidade até os dias da atualidade?” e “8. Quais foram as maiores contribuições e/ou conquistas do ciclismo Paralímpico Brasileiro?”

2. *Dificuldades*: apresenta as principais barreiras diante do trabalho desenvolvido na modalidade. A questão do questionário que norteou este ponto foi: “7. Quais as dificuldades encontradas para desenvolver seu trabalho no Paraciclismo?”

3. *Intervenções*: indicação das ações previsíveis ao avanço da modalidade. As questões do questionário que nortearam este ponto foram: “9. Quais as possíveis intervenções que sugere para a massificação (formação de recursos humanos/educação) do Paraciclismo?” e “10. Quais as possíveis intervenções (administrativo e de resultados) que sugere para o desenvolvimento do Paraciclismo de alto rendimento?”

Os dados serão ainda apresentados em duas partes, sendo que a primeira é composta pelos dados obtidos dos técnicos e a segunda parte, constitui pelos dados obtidos dos dirigentes da modalidade. Tais dados remetem às opiniões dos indivíduos diante de suas experiências práticas no Paraciclismo.

## 4.1 GRUPO A

O grupo é composto por dois técnicos da Seleção Brasileira de Paraciclismo no Brasil. Os técnicos também estão envolvidos diretamente com a organização de todos os eventos nacionais do Paraciclismo.

### 4.1.1 Evolução

Com relação a evolução do Paraciclismo, os técnicos relataram um grande avanço da modalidade com base nos resultados obtidos nos principais campeonatos internacionais (Copa do Mundo, Mundial e Jogos Parapan-Americanos e Jogos Paralímpicos). Outro fator a este processo evolutivo, foi retratado com relação ao aumento do número de atletas nos campeonatos nacional.

A evolução do Paraciclismo Brasileiro tem sido bastante expressiva nas duas últimas décadas, período em que os atletas brasileiros alcançaram premiações em todas as principais competições internacionais (Campeonatos Mundiais, Copas do Mundo, Jogos Parapan-americanos e Paralímpiadas) (P1).

Percentualmente em quantidade de atletas, acredito que ultrapassamos os 100% com referência a campeonatos nacionais. Qualitativamente com objetivos conquistados e após o mundial de estrada em 2018 superamos 100% partindo das conquistas do Soelito Gohr (P2).

Outro ponto identificado foi tratado quanto às maiores contribuições e/ou conquistas do Paraciclismo brasileiro. Neste contexto, os técnicos atribuem as conquistas internacionais como as maiores conquistas e as relacionam também como principais contribuidoras, pois, fomentam a modalidade oportunizando o surgimento de novos talentos.

Os títulos e medalhas conquistadas no circuito internacional por alguns atletas alavancaram a modalidade (P1).

As conquistas contribuem para o fomento, hoje com 5 títulos mundiais e 2 medalhas no Rio 2016 favorecem e nos trazem o espelho necessário para o surgimento de novos valores (P2).

#### 4.1.2 Dificuldades

As principais dificuldades apresentadas pelos técnicos para o desenvolvimento do trabalho que realizam no Paraciclismo foram a falta de recursos. Estas dificuldades relacionam-se ainda nos aspectos financeiro (não são suficientes os patrocínios privados e governamentais), os aspectos estruturais das entidades que desenvolvem a modalidade, como as Federações Estaduais e ainda a falta de referências bibliográficas.

A dimensão do país dificulta até certo ponto a difusão e desenvolvimento da modalidade. Em certos momentos, a falta e ou insuficiência de recursos. A carência de velódromos no país (P1).

Financeira, estrutural das entidades de fomento e gestão, falta de referência bibliográfica (P2).

#### 4.1.3 Intervenções

Este tema revela as possíveis ações sugeridas pelos entrevistados e nos quais, são necessárias serem adotadas para o alcance de melhorias, de maneira geral, no Paraciclismo. Em um primeiro momento, foram apontadas as principais intervenções sugeridas pelos técnicos para a massificação da modalidade com relação a formação de recursos humanos e educacionais.

Com relação a formação de recursos humanos, os entrevistados indicaram ações voltadas à especialização e formação de profissionais para atuação do início ao alto rendimento na modalidade. No caso do alto rendimento, este processo é sugerido pela especialização dos profissionais, para que atuem em diferentes polos específicos de treinamento.

Já com relação a formação de recursos educacionais, as sugestões partem de um processo educacional com base no fomento da modalidade em centros específicos para o público alvo da modalidade, no caso os centros de reabilitação para pessoas com deficiência.

A criação de centros de treinamentos específicos da modalidade em diversas regiões do país (P1).

Apresentação da modalidade nos institutos e centros de reabilitações ao deficiente para o aumento do número de praticantes e profissionais que auxiliam neste processo (P2).

Com relação as intervenções sugeridas para o desenvolvimento administrativo e de resultados do Paraciclismo, os técnicos sugerem especialização de todos os setores envolvidos no desenvolvimento da modalidade, adequação orçamentária e estratégica de ações a nível nacional e internacional.

A contínua atualização de pessoal especializado nas diversas áreas envolvidas: técnica, administrativa, esportiva e de gestão (P1).

Planificação de calendário, previsão orçamentária prévia mesmo não sendo a ideal, mas direcionada aos atletas alvo. Intercâmbio anual na Europa com a criação da Casa Brasil (P2).

Através das sugestões apontadas, nota-se que a preocupação dos técnicos para o alcance do desenvolvimento administrativo, estão centralizadas na formação especializada em todas as suas competências. Já as preocupações voltadas ao desenvolvimento de resultados da modalidade, estão centralizadas na difusão das provas em todo o território nacional, além de adequações financeira e estratégias de intercâmbio nos países do continente Europeu, uma vez que este continente é referência diante dos melhores resultados no Ciclismo e Paraciclismo internacional.

## 4.2 GRUPO B

O grupo é composto por dois dirigentes da Seleção Brasileira de Paraciclismo no Brasil. Os dirigentes estão envolvidos com a modalidade desde seu início no Brasil.

### 4.2.1 Evolução

Quanto à evolução do Paraciclismo, os dirigentes relataram um grande avanço da modalidade com base no número de provas, de atletas e semelhantemente aos técnicos, o principal fator no qual sustenta o quadro evolutivo da modalidade, são os resultados obtidos nos principais campeonatos internacionais (Copa do Mundo, Mundial e Jogos Parapan-americanos e Jogos Paralímpicos).

O paraciclismo teve grande evolução nos dois últimos ciclos paraolímpicos, considerando o aumento no número de provas, atletas e principalmente os resultados técnicos onde o Brasil conseguiu chegar a inédita medalha Paralímpica nos Jogos Rio 2016, com o atleta Lauro Chaman conquistando duas medalhas (P3).

100% nos últimos 22 anos, de 1996 até 2018 medalhas em mundiais, copas do mundo, Parapan-americanos e Paralímpiadas (P4).

Com relação às maiores contribuições e/ou conquistas do Paraciclismo brasileiro, os dirigentes acompanham o pensamento dos técnicos, pois, atribuem as maiores conquistas da modalidade aos resultados obtidos em provas internacionais.

O Brasil conquistou muitas medalhas em Copas do Mundo e Campeonatos Mundiais nos últimos dois ciclos, mas a maior conquista foram as duas medalhas Paralímpicas (P3).

Medalhas nas Paralímpiadas Rio 2016; 5 Mundiais estrada e pista; 2 Copas do mundo; 13 Medalhas Parapan-americanos (P4).

#### 4.2.2 Dificuldades

As principais dificuldades apresentadas pelos dirigentes com relação ao desenvolvimento do trabalho realizado no Paraciclismo, foram voltados a falta de recursos e a falta de profissionais. Ainda foi apresentado o contexto cultural como uma das principais dificuldades.

Mesmo com o crescimento técnico da modalidade o orçamento continua pequeno, e com alto custo para o desenvolvimento da modalidade, sobre tudo dos equipamentos, não é possível crescer ainda mais (P3).

Cultural [...]. Orçamentária e técnica de 1996 até 2010. Nos dias atuais há pouco profissional na área técnica e logística (P4).

#### 4.2.3 Intervenções

As ações que foram sugeridas pelos entrevistados com relação a formação de recursos humanos e educacionais, para o alcance de melhorias no paraciclismo brasileiro foram a qualificação profissional, o envolvimento acadêmico e o investimento orçamentário adequado.



Acredito que a maior necessidade no momento, é investirmos em profissionais que possam treinar e desenvolver o Handbike, que é classe que mais cresce em número de atleta (P3).

Pesquisas, laboratórios, confederações nacionais, evolução dos técnicos de base. Uma política conjunta entre clubes, patrocinadores e governo (P4).

Já as medidas de intervenções sugeridas para o desenvolvimento administrativo e de resultados do Paraciclismo, os dirigentes sugerem especialização voltada a captação de recursos do setor público, bem como a continuidade de alguns programas como o bolsa atleta e a prioridade do profissionalismo do atleta.

Acredito que é mais interessante trabalharmos na capacitação de dirigentes para que possam se qualificar na apresentação, criação e desenvolvimento de projetos junto ao Poder Público, Municipal, Estadual e Federal (P3).

Continuar com a política do Bolsa atleta, com alguns ajustes que se fazem necessários para a evolução do Paraciclismo. Priorizar o envolvimento de quem tem possibilidade de continuar na modalidade e não querer se aproveitar para ganhar um recurso a mais e brincar de atleta (P4).

Com base nas sugestões apontadas, nota-se que os dirigentes se preocupam com a forma que a modalidade tem de ser desenvolvida no país, com o foco principal na formação especializada dos profissionais envolvidos e no suporte aos atletas de rendimento com sustentação financeira pública.

#### 4.3 GRUPO C

O grupo é composto por dois atletas da Seleção Brasileira de Paraciclismo no Brasil. Os atletas são os que, atualmente, mais possuem tempo de envolvimento na modalidade desde seu início no Brasil.

##### 4.2.1 Evolução

Quanto a evolução do Paraciclismo, os atletas relataram um grande avanço da modalidade com base na estrutura, número de provas e apoio. Ainda em conformidade com as falas dos técnicos e dirigentes, o principal fator no qual sustenta este quadro evolutivo da modalidade, apontados pelos atletas, são os resultados obtidos nas provas internacionais.

Muito, porque temos mais estrutura, provas, apoio, e somos medalhistas em todas as provas internacionais (P5).

Grande evolução, mais que 90% (P6).

Com relação às maiores contribuições e/ou conquistas do Paraciclismo brasileiro, os atletas acompanham as falas dos técnicos e dos dirigentes, pois indicam que as maiores conquistas da modalidade são os resultados alcançados em provas internacionais.

As duas medalhas Paralímpicas (P5).

Título mundial (Lauro, Soelito), Medalhas paralímpicas, várias conquistas (P6).

#### 4.2.2 Dificuldades

Sobre as principais dificuldades, um dos atletas disse não ter dificuldades diante da modalidade, contrariamente, o outro atleta relatou ter dificuldade financeira, falta de patrocínio e falta de apoio.

Nenhuma para competir (P5).

Financeiro, falta de patrocínio, apoio (P6).

#### 4.2.3 Intervenções

Sobre as intervenções, sugeridas pelos entrevistados, para o alcance de melhorias no paraciclismo brasileiro com relação a formação de recursos humanos e educacionais, foram: mais envolvimento de outras provas fora as oficializadas pela CBC, ações voltadas aos recursos humanos, de maneira geral e maior interesse e retorno financeiro para a modalidade.

Mais participações em provas privadas (P5).

Recursos humanos, interesse, retorno financeiro (P6).

Com relação as medidas de intervenções sugeridas para o desenvolvimento administrativo e de resultados do Paraciclismo, os atletas sugerem

a continuação do trabalho que vem sendo realizado, assim como o envolvimento acadêmico (testes, laboratório).

Continuação do trabalho que vem sendo feito (P5).

Envolvimento de testes, laboratório (P6).

Com base nas sugestões apontadas, é possível notar que os atletas identificam, de maneira positiva, o crescimento da modalidade, além de preocuparem-se com as melhoras que ainda podem ser previstas, como o investimento em recursos humanos e o envolvimento acadêmico.

Por fim, a figura abaixo (7), ilustra as principais ações, identificadas neste estudo, e que são necessárias para o alcance dos objetivos (resultados) pela modalidade.

**Figura 7 - Ações Necessárias para o Melhor Desempenho do Paraciclismo no Brasil**



Estes pontos, foram os mais determinantes, segundo a fala dos entrevistados. Foram identificados, ainda, diante de perspectivas diferentes, ou seja, na perspectiva de 3 grupos de posições diferentes na modalidade.

## 5 DISCUSSÃO

O Paraciclismo no Brasil tem alcançado avanços significantes em seu processo de desenvolvimento ao longo dos anos até os dias atuais, porém, é preciso considerar muitos fatores para que este processo continue em evolução. Segundo Haiachi *et al.* (2014), o desenvolvimento da modalidade diante de cada Federação Nacional ocorre em função de alguns pontos de desempenho.

De acordo com os dados analisados neste estudo, nota-se que as opiniões dos entrevistados conduzem a um discurso complementar. Através da opinião de 6 profissionais envolvidos na área, identificou-se, portanto, que os principais fatores que marcam o desenvolvimento do Paraciclismo no Brasil, são os resultados obtidos diante dos principais campeonatos internacionais (Copa do Mundo, Mundial, Jogos Parapanamericano e Jogos Paralímpicos). Vislumbramos ainda, que este marco é tendência sobre o processo de contribuições e conquistas do Paraciclismo brasileiro.

Conforme Shilbury (2012) o gerenciamento das implicações competitivas, tanto em disputa quanto fora dela, é tido como um fator de sucesso e estratégico. Nota-se, portanto, que o domínio de uma modalidade esportiva é caracterizado também, pelo domínio dos resultados alcançados (SHILBURY, 2012). Para os autores Santos Neto; Santos e Costa (2015, p. 6), “o resultado é originado através de uma relação de causa e efeito e pode ser descrito ou mensurado”.

Certamente este é um dos fatores-chave na obtenção do sucesso esportivo e correspondem a estrutura da modalidade no país (GREEN e OAKLEY, 2001; MEIRA, BASTOS e BOHME, 2012). Embora os resultados sejam um marco do desenvolvimento do Paraciclismo no Brasil, ao se realizar uma análise mais detalhada dos dados, nota-se que existem algumas dificuldades que diminuem a concretização das estratégias e objetivos da modalidade.

A principal dificuldade identificada, está direcionada a falta de recursos financeiros. Por meio deste fato, identifica-se um conjunto de elementos agregados, tais como: o processo de gestão, de fomento, a falta de profissionais, a identificação e seleção de talentos e ainda os fatores culturais. Estes fatores fazem parte dos fatores considerados como críticos diante do desenvolvimento do esporte de alto rendimento, conforme o modelo desenvolvido por De Bosscher, *et al.* (2006), no qual o autor desenvolve um esquema com os pilares influenciadores para o sucesso esportivo.

Neste esquema, os pilares apontados pelo autor, em ordem de nível de influência, são: 1. Suporte financeiro; 2. Organização e estruturas políticas do esporte: integradas a políticas de desenvolvimento; 3. Cultura e participação esportiva; 4. Sistema de desenvolvimento de identificação de talentos; 5. Suporte para carreira e aposentadoria de atletas; 6. Instalações esportivas; 7. Desenvolvimento e capacitação para técnicos; 8. Competições (inter)nacionais; 9. Pesquisas científicas (DE BOSSCHER *et al.*, 2006).

Segundo (MEIRA, BASTOS e BOHME, 2012, p. 253), o objetivo deste esquema, foi o de criar um modelo para o alcance do “Índice de Desenvolvimento Esportivo” das nações, fundamentado em comparações dos níveis de desenvolvimento de cada fator-chave que, conseqüentemente, influenciam no sucesso esportivo internacional.

Assim, no Paraciclismo, o conjunto de elementos fundamentais para seu desempenho e evolução no país, ainda carece de melhorias. No caso, este processo acompanha os processos influenciadores para o desenvolvimento esportivo, conforme indicado, onde para o alcance dos objetivos (resultados) é necessário que os outros pontos (financeiro, envolvimento acadêmico, formação de recursos humanos, disseminação de provas, programas de incentivo) funcionarem de maneira positiva.

Considerando as principais dificuldades encontradas no Paraciclismo, os resultados levantados neste estudo aludem ainda às principais medidas de intervenção para a massificação da modalidade com relação a formação de recursos humanos e educacionais, como a capacitação dos profissionais envolvidos na modalidade. Esta indicação está relacionada a outros pontos tidos como pilares ao desenvolvimento do esporte conforme o modelo desenvolvido por De Bosscher, *et al.* (2006). Assim, os dados obtidos neste estudo, sugerem ações voltadas a qualificação profissional e o envolvimento acadêmico.

Reis (2014, p. 101), afirma que a falta de profissionais qualificados dentro das federações e confederações, atualmente, sobrecarrega o Comitê Paralímpico Brasileiro que se vê responsável por algumas modalidades específicas”. Além disso, diversos estudos relacionam a falta de recursos humanos como barreira para a continuidade dos atletas no esporte (JAARASMA *et al.*, 2014; KEHN e KROLL, 2009; CARDOSO *et al.*, 2018; MARTIN e MUSHETT, 1996).

Já sobre o envolvimento acadêmico, Cardoso *et al.* (2018), afirma que os fatores que tornam alguns países em grande potência esportiva, é através do uso do conhecimento científico em áreas do esporte. Desta forma, a expansão de conhecimento cabe também às universidades, no qual devem se aliar ao desenvolvimento de profissionais qualificados (CARDOSO *et al.* 2018). O conhecimento gerado através de pesquisas científicas tem de ser aplicado para qualificar os profissionais e melhorar a formação dos atletas, promovendo o desenvolvimento da modalidade no país (CARDOSO *et al.* 2018).

Ainda foram identificadas nos resultados deste estudo, ações que envolvem fatores relacionados ao apoio estrutural a fim de disseminar o Paracicismo em todas as regiões do país. Esta ação pode ter sido sugerida por promover a modalidade e conseqüentemente, aumentar a demanda de envolvimento e capacitação de profissionais e atletas.

Outro ponto importante trata-se das intervenções sugeridas para o desenvolvimento administrativo e de resultados do Paracicismo. Os pontos levantados relacionam-se às sugestões anteriores pois, sugerem a especialização de todo o corpo formador da modalidade, difusão nacional das provas e melhor regência orçamentária e estratégica.

Estas sugestões envolvem ainda a especialização voltada a captação de recursos do setor público. Identifica-se a importância da capacitação destes profissionais, pois irão executar funções que influenciam o desenvolvimento esportivo da modalidade, de maneira geral. Neste sentido, De Bosscher (2006), afirma que o sucesso do atleta ou ainda, da equipe/clubes está cada vez mais dependente do desempenho que o sistema nacional e sua eficácia oferecem através do uso de todos os recursos relevantes que beneficiam o esporte de elite.

E por fim, um outro ponto foi sugerido pela continuidade do programa bolsa atleta. Este programa foi implantado sob a Lei nº 10.891 de 09 de julho de 2004, com o objetivo de garantir ao atleta as “condições mínimas para que se dediquem, com exclusividade e tranquilidade, ao treinamento e competições locais, sul-americanas, pan-americanas, mundiais, olímpicas e paralímpicas” BRASIL (2018, s. n). Neste sentido, o caminho sugerido com relação a este programa, está ainda ligado a oportunizar aquele atleta que possui real compromisso com a modalidade e seu papel diante dos resultados esperados.

## 6 CONCLUSÃO

Os resultados alcançados pelo presente estudo, permitiram identificar pontos fortes e fracos diante do desenvolvimento do Paraciclismo no Brasil, bem como refletir sobre seus avanços e necessidades. Durante seus 27 anos de desenvolvimento no Brasil, a modalidade tem demonstrado uma evolução significativa através de seus resultados em cenário internacional.

Foram identificados alguns fatores que tornaram nítidas as principais dificuldades encontradas atualmente na modalidade. Estas dificuldades partem ainda, do fator financeiro, onde, conforme consta na literatura, é o principal fator influenciador, mediante o alcance de melhorias e avanços, de maneira geral.

O Brasil precisa ampliar seu alcance de provas, visto que atualmente o calendário das provas tem se centralizado na região Sudeste. Constatou-se ainda, que é necessário a formação de recursos humanos, pois há dificuldade em alcançar avanços, principalmente para oferecer o suporte necessário a modalidade. Para isto, é preciso ainda, que se conquiste o universo acadêmico pois os estudos existentes, embora importantes, não são o suficiente para sustentar as principais necessidades da modalidade.

Este ponto foi também a principal limitação deste estudo, visto que a maioria dos materiais encontrados não trata especificadamente do contexto do Paraciclismo, justificando-se assim as referências bibliográficas. Ressalta-se ainda, que este estudo não buscou identificar e apresentar soluções irrefutáveis para os problemas encontrados no desenvolvimento da modalidade no Brasil, mas sim, contribuir para uma maior compreensão de quais os caminhos percorridos e os que ainda precisam de serem percorridos para alavancar a modalidade.

Por fim, através deste estudo, é possível afirmar que o desenvolvimento do Paraciclismo no Brasil tem alcançado níveis elevados de resultados e avanços em todos os seus contextos, porém é preciso considerar muitos fatores para que se continue neste processo evolutivo. Espera-se, portanto, que este estudo sirva de base para outras pesquisas e inspire os profissionais envolvidos na modalidade, para que busquem alcançar as medidas ideais ao seu desempenho.



*Vida!*

*Vida que abraça,  
Vida que sustenta,  
Tudo a si sujeita.*

*Acalenta-te faceira;  
Viva-te serena,  
abrasiva e soalheira.*

*Vida, que de mim sai bem faceira!*



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e atual. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério do Esporte. Sobre: **Bolsa Atleta**. Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/sobre.jsp>. Acesso em: 25/09/2018.

CARDOSO, Vinícius Denardin; HAIACHI, Marcelo de Castro; REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo; GAYA, Adroaldo Cezar Araújo. The structural and human resources support for Brazilian Paralympic athletes. **Rua – repositório institucional**. 2018.

CIVATTI, Cláudio. Ciclismo. Ciclismo. *In*: WINCKLER, Ciro; MELLO, Marco Túlio (Orgs.). **Esporte Paralímpico**. 1ª. ed. São Paulo: Atheneu, 2012. p. 93-104.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Modalidades: Ciclismo**. 2018. Disponível em: [mailto:http://www.cpb.org.br/modalidades-visualizacao/-/asset\\_publisher/4O6JOgZOHDhG/content/id/22679](mailto:http://www.cpb.org.br/modalidades-visualizacao/-/asset_publisher/4O6JOgZOHDhG/content/id/22679). Acesso em: 10/06/2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO. **Paraciclismo: Regulamento**. 2012. Disponível em: <mailto:http://www.cbc.esp.br/arquivos/Para-ciclismo%20-%20Artigo%20Classifica%C3%A7%C3%A3o%20Funcional.pdf>. Acesso em: 15/06/2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO. **Paraciclismo: Resultados**. Disponível em: <http://cbc.esp.br/modalidades/resultados/busca/paraciclismo>. Acesso em: 30/07/2018a.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO. **Paraciclismo: Calendário**. Disponível em: <http://cbc.esp.br/modalidades/calendario/busca/paraciclismo>. Acesso em: 30/07/2018b.

DE BOSSCHER, Veerle et al. A conceptual framework for analysing sports policy factors leading to international sporting success. **European sport management quarterly**, v. 6, n. 2, p. 185-215, 2006.

FREITAS, Patrícia Silvestre; SANTOS, Silvio Soares. Fundamentos Básicos da Classificação Esportiva para Atletas Paralímpicos. *In*: WINCKLER, Ciro Winckler; MELLO, Marco Túlio (Orgs.). **Esporte Paralímpico**. 1ª. ed. São Paulo: Atheneu, 2012. p. 93-104.

GREEN, Mick; OAKLEY, Ben. Elite sport development systems and playing to win: uniformity and diversity in international approaches. **Leisure studies**, v. 20, n. 4, p. 247-267, 2001.

HAIACHI, Marcelo de Castro, et al. Indicadores de desempenho no voleibol sentado. **Journal of Physical Education**, v. 25, n. 3, p. 335-343, 2014.

INTERNATIONAL BLIND SPORTS FEDERATION (IBSA). **IBSA Members**. Disponível em: <http://www.ibsasport.org/ibsa-members/>. Acesso em: 01/08/2018a.

INTERNATIONAL BLIND SPORTS FEDERATION (IBSA). **IBSA: Documents**. Disponível em: <http://www.ibsasport.org/documents/files/144-1-IBSA-Classification-Manual-classifiers.pdf>. Acesso em: 01/08/2018b.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Sports: Cycling**. Disponível em: <mailto:https://www.paralympic.org/cycling>. Acesso em: 10/06/2018a.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Results: Paralympic Games Results**. Disponível em: <mailto:https://www.paralympic.org/sdms/hira/web>. Acesso em: 10/06/2018b.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Classification**. Disponível em: [https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/150915170806821\\_2015\\_09\\_15%2BExplanatory%2Bguide%2BClassification\\_summer%2BFINAL%2B\\_5.pdf](https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/150915170806821_2015_09_15%2BExplanatory%2Bguide%2BClassification_summer%2BFINAL%2B_5.pdf). Acesso em: 04/07/2018c.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Classification: History**. Disponível em: <https://www.paralympic.org/classification/history>. Acesso em: 20/06/2019.

JAARSMA, Eva A.; GEERTZEN, J. H. B; JONG, R.; DIJKSTRA, P. U.; DEKKER, R. Barriers and facilitators of sports in Dutch Paralympic athletes: An explorative study. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, v. 24, n. 5, p. 830-836, 2014.

KEHN, Matthew; KROLL, Thilo. Staying physically active after spinal cord injury: a qualitative exploration of barriers and facilitators to exercise participation. **BMC Public Health**, v. 9, n. 1, p. 168, 2009.

Levy PS; Lemeshow S. **Sampling for health professionals**. Belmont: LLP, 1980.

Lwanga SK; Lemeshow S. **Sample size determination in health studies: a practical manual**. Geneva: World Health Organization, 1991.

MARTIN, Jeffrey J.; MUSHETT, Carol A. Social support mechanisms among athletes with disabilities. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 13, n. 1, p. 74-83, 1996.

MAZZEI, Leandro Carlos et al. Política do esporte de alto rendimento no Brasil: Análise da estratégia de investimentos nas confederações olímpicas. **Revista portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 14, n. 2, 2014.

MEIRA, Tatiana de Barros; BASTOS, Flávia da Cunha; BOHME, Maria Teresa Silveira. Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um estudo preliminar. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 26, n. 2, p. 251-262, 2012.

MUNSTER, Mey Van; ALMEIDA, J.J.G. Atividade física e deficiência visual. In: **Atividade Física Adaptada**. São Paulo: Manole, 2005. p. 28-76.

TEJERO, Javier et al. Paraciclismo: estudio sobre los procesos de integración a nivel internacional. **Apuntes: Educación Física y Deportes**. Nº111, 2013. p. 79-86.

REIS, Rafael Estevam. **Políticas Públicas para o esporte paralímpico brasileiro**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná. 2014.

ROCHA, Edilson Alves. **Transição Paraciclismo** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <tubiba@cbc.esp.br> em 20 jun. 2019.

SANTOS NETO, Silvestre Cirilo; SANTOS, Leonardo José Mataruna; COSTA, Lamartine Pereira. Sistema de Gestão Aplicado ao Ambiente do Atleta. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 4, n. 2, p. 01-16, 2015.

SHILBURY, David. Competition: The heart and soul of sport management. **Journal of sport management**, v. 26, n. 1, p. 1-10, 2012.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6ª ed. Artmed Editora, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNION CYCLING INTERNATIONAL (UCI). (2018a). **Para Cycling: About**. Disponível em: <mailto:http://www.uci.ch/para-cycling/about/>. Acesso em: 08/06/2018.

UNION CYCLING INTERNATIONAL (UCI). (2018b). **Inside UCI: Organisation: Continental Confederations**. Disponível em: <mailto:http://www.uci.ch/inside-uci/organisation/continental-confederations-119024/>. Acesso em: 08/06/2018.

UNION CYCLING INTERNATIONAL (UCI). (2018c). **Inside UCI: Constitution and Regulations: Part III: Track Races**. Disponível em: [http://www.uci.org/docs/default-source/rules-and-regulations/part-iii--track-races.pdf?sfvrsn=da11c58e\\_6](http://www.uci.org/docs/default-source/rules-and-regulations/part-iii--track-races.pdf?sfvrsn=da11c58e_6). Acesso em: 19/11/2018.

## **APÊNDICES**

## **Apêndice I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da Pesquisa:** O DESENVOLVIMENTO DO CICLISMO PARALÍMPICO NO BRASIL  
**Pesquisadora responsável:** Mariane Ferreira

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

#### **Justificativa e objetivos:**

O ciclismo paralímpico é uma modalidade que não está amplamente difundida na sociedade. Mesmo com o aumento de praticantes no Brasil e no mundo, nota-se que para sua abrangência ainda é preciso de reforços que auxiliem neste processo de desenvolvimento. Ao assumir estes reconhecimentos, nota-se a importância em trazer conhecimentos sobre como a modalidade está desenvolvendo no Brasil, contribuindo assim, com sua massificação. Esta pesquisa tem por objetivo analisar o desenvolvimento do Ciclismo Paralímpico no Brasil.

#### **Procedimentos:**

Participando do estudo você está sendo convidado a responder uma entrevista sobre o desenvolvimento do ciclismo paralímpico ao qual você está envolvido. Para isto, o pesquisador aplicará a você um questionário em uma das etapas do campeonato em que estiver presente. A entrevista é curta, tem duração média de 15 minutos e será realizada de acordo com a sua disponibilidade de tempo durante o evento. Sua identidade, assim como, as respostas serão mantidas em sigilo e não serão utilizadas em outros estudos. As respostas serão ainda, armazenadas por um período de 5 anos.

#### **Desconfortos e riscos:**

Você não deve participar deste estudo caso não queira participar ou sentir qualquer desconforto durante sua participação. Podendo ainda retirar seu aceite, a qualquer momento, sem que haja algum tipo de risco ou prejuízo. A participação na pesquisa não apresenta riscos previsíveis, à integridade física, prejuízos ou qualquer dano moral, sendo que, você poderá obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados na pesquisa e apresentação dos resultados.

#### **Benefícios:**

Os participantes não terão benefício direto na participação do estudo. Os benefícios desta pesquisa trazem novos olhares e possíveis descobertas enquanto fator de desenvolvimento do ciclismo paralímpico. Sendo assim, espera-se, com sua participação, que possamos trazer contribuições relevantes e com informações significantes sobre os pontos positivos e negativos refletidos na modalidade.

#### **Acompanhamento e assistência:**

O pesquisador estará disponível durante a pesquisa e todo o tempo que for preciso para responder o questionário para esclarecimento de quaisquer dúvidas.

**Sigilo e privacidade:**

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

**Ressarcimento e indenização:**

Este estudo não gera qualquer custo ao participante, assim não há ressarcimento financeiro pela participação na pesquisa. Você terá a garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

**Contato:**

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores: Mariane Ferreira, função: Pesquisadora responsável, Estudante de Mestrado na área de Atividade Física Adaptada, Endereço: Av. Érico Veríssimo 701, Cidade Universitária, Campinas –SP CEP 13083-851, Telefone: (19) 981061401. Email: ma\_ferreira2@hotmail.com ou Prof. Dr. José Julio Gavião de Almeida, função: Orientador, Faculdade de Educação Física –FEF – UNICAMP/Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada. Endereço: Av Érico Veríssimo 701, Cidade Universitária, Campinas –SP CEP 13083-851. Telefone: (19) 35216134. Email: gaviiao@fef.unicamp.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP das 08:30hs às 11:30hs e das 13:00hs as 17:00hs na Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br.

**O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).**

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas

**Consentimento livre e esclarecido:**

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do (a) participante:

---

Contato telefônico:

---

E-mail (opcional):

---

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_. Data:

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

**Responsabilidade do Pesquisador:**

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_. Data:  
(Assinatura do pesquisador)

**Apêndice II - Carta de Autorização apresentada à Confederação Brasileira de Ciclismo (CBC)**



**CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO**

**Autorização para Coleta de Dados**

Eu, **EDILSON ALVES DA ROCHA** responsável pelo Departamento de Paraciclismo da **CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO**, Situada na Av. Maringá, 627 – Sala 501, Jardim Dom Bosco, Londrina – PR, CEP. 86.060-000 declaro estar ciente dos requisitos da Resolução CNS/MS 466/12 e suas complementares e declaro que tenho conhecimento dos procedimentos/instrumentos aos quais os participantes da presente pesquisa serão submetidos. Assim autorizo a coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado “O desenvolvimento do Paraciclismo no Brasil”, sob responsabilidade do(a) pesquisador(a) Mariane Ferreira após a aprovação do referido projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa-Unicamp.

  
**Edilson Alves da Rocha**  
**Coordenador de Paraciclismo**

Data: 20/03/2018.



## Apêndice III – Instrumento para coleta de dados

### ANEXO II

#### ENTREVISTA AOS DIRIGENTES, TÉCNICOS E ATLETAS

Este questionário é o instrumento de coleta de dados da aluna Mariane Ferreira referente à sua dissertação de mestrado, com orientação do Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida, do programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O objetivo do estudo é trazer o desenvolvimento do Paraciclismo no Brasil e este questionário auxiliará na estrutura de como foi este processo até a atualidade, assim como, as mudanças necessárias para sua ascensão no Brasil. Em vista disto, espera-se que o estudo possa trazer contribuições para o desenvolvimento do Paraciclismo no Brasil.

Nome: \_\_\_\_\_  
E-mail: \_\_\_\_\_  
Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_  
Formação: \_\_\_\_\_  
Trabalho: \_\_\_\_\_

1. Você é Professor de Educação Física?  
☐ SIM      ☐ NÃO
2. Você já praticou ou pratica ciclismo?  
☐ SIM      ☐ NÃO
3. Você esteve ou está envolvido em outra modalidade paraolímpica? De que forma?
4. Como você conheceu o Paraciclismo?
5. Como é seu envolvimento com a modalidade?
6. O quanto evoluiu a modalidade até os dias da atualidade?
7. Quais as dificuldades encontradas para desenvolver seu trabalho no Paraciclismo?
8. Quais foram as maiores contribuições e/ou conquistas do ciclismo Paralímpico Brasileiro?
9. Quais as possíveis intervenções que sugere para a massificação (formação de recursos humanos/educação) do Paraciclismo?
10. Quais as possíveis intervenções (administrativo e resultados) que sugere para o desenvolvimento do Paraciclismo de alto rendimento?

## **ANEXOS**

## Anexo I – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp (CEP)



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O Desenvolvimento do Ciclismo Paralímpico no Brasil

**Pesquisador:** Mariane Ferreira

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 87001318.6.0000.5404

**Instituição Proponente:** Faculdade de Educação Física

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.665.724

#### Apresentação do Projeto:

##### Introdução

O acesso à prática esportiva e o envolvimento com o esporte paralímpico ainda é limitado por parte das pessoas com deficiência. Programas de iniciação esportiva e de alto rendimento neste contexto não conseguem atender a demanda e necessidade desta população. Estudos realizados neste campo indicam que pessoas com deficiência tendem a ser menos ativas que pessoas sem deficiência, onde se observa limitação nas suas oportunidades de engajamento com o esporte (Murphy & Carbone, 2008; Shikako-Thomas, Majnemer, Law, & Lach, 2008). Neste sentido, a prática do paraciclismo tem sido defendida por diversos autores como melhoria no desempenho das capacidades motoras e fisiológicas em pessoas com deficiência, as quais, em geral, apresentam baixo condicionamento físico (MISHIN et al, 2015). No entanto, os estudos realizados no campo dos benefícios do paraciclismo ainda são reduzidos. Em estudo de revisão realizado por Mishin et al (2015) apenas 8 estudos foram encontrados. Como resultados, os autores indicam que a prática do paraciclismo tem como consequências ganhos no campo motor com aumento da mobilidade, do desempenho de habilidades motoras, aumento nos níveis de envolvimento com a atividade física, aumento da destreza manual e do equilíbrio. No Paraciclismo, a prática esportiva é realizada com o uso da bicicleta, por pessoas com deficiência. As bicicletas utilizadas podem ser adaptadas ou não, dependendo da deficiência. Tomando como base a prática esportiva de competição, existem 4 (quatro) tipos de bicicletas direcionadas a indivíduos com deficiência,

**Endereço:** Rua Tessália Vieira de Camargo, 126

**Bairro:** Barão Geraldo

**CEP:** 13.083-887

**UF:** SP

**Município:** CAMPINAS

**Telefone:** (19)3521-8936

**Fax:** (19)3521-7187

**E-mail:** cep@fcm.unicamp.br





Continuação do Parecer: 2.665.724

sendo elas:

- Handbike (serve para pessoas que fazem o uso de cadeira de rodas e não possuem domínio dos membros inferiores suficientes para se locomoverem com estes e, assim, sua pedalada é realizada pelas “mãos” ao invés dos “pés”; e o indivíduo/ciclista fica deitado);
- Triciclo (bicicleta com três rodas e serve para pessoas que possuem algum tipo de comprometimento locomotor/equilíbrio que requeira auxílio no domínio da estabilidade);
- Tandem (bicicleta dupla com dois acentos, onde uma pessoa pedala na frente e outra atrás, sendo que o da frente (piloto) é vidente e quem vai atrás é uma pessoa com deficiência visual;
- Bicicleta convencional (bicicleta comum, onde as adaptações são feitas de acordo com a deficiência física, ou seja, para pessoas com alguma amputação ou diferença de membros).

Esta modalidade pode ser inserida e encontrada em contextos que vão desde a reabilitação de crianças, a pessoas que tenham algum tipo de deficiência, ou ainda, como forma de reabilitação e inclusão como modalidade no esporte de rendimento. Desta feita, no contexto esportivo, é encontrada como modalidade onde separa os atletas em classes de disputa de acordo com o tipo de deficiência. No Brasil, esta modalidade tem demonstrado um estado de ascensão no esporte paralímpico. O país conquistou medalhas em todos os tipos de campeonatos internacionais desde sua primeira participação em 1992. O número de atletas também tem aumentado significativamente desde suas primeiras provas nacionais, assim como, suas conquistas e visibilidades em comitês internacionais. Com isto, nota-se seu valor enquanto modalidade para aqueles indivíduos que possuem alguma deficiência e os esforços que os mantêm no esporte paralímpico. Em vista de seu potencial em desenvolvimento, o estudo tem como objetivo trazer o desenvolvimento do Paraciclismo no Brasil como modalidade Paralímpica, reconhecendo ainda, seu caminhar histórico, assim como suas características e peculiaridades, a fim de ser uma ferramenta potencializadora e de fomento no qual indique suas facilidades e dificuldades para sua ascensão.

#### Hipótese

O ciclismo paralímpico é uma modalidade que não está amplamente difundida. Mesmo com o aumento de praticantes no Brasil e no mundo, nota-se que sua massificação ainda precisa de reforços que auxiliem neste constante crescimento. Ao assumir tais reconhecimentos, nota-se a importância em ampliar o conhecimento do paraciclismo no Brasil.

#### Metodologia

Este estudo é caracterizado como um “Survey” em uma pesquisa qualitativa descritiva, com utilização de uma entrevista semiestruturada aplicada através de perguntas abertas e fechadas e,

**Endereço:** Rua Tessália Vieira de Camargo, 126  
**Bairro:** Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887  
**UF:** SP **Município:** CAMPINAS  
**Telefone:** (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br



UNICAMP - CAMPUS  
CAMPINAS



Continuação do Parecer: 2.665.724

posteriormente, analisadas através do Método de Bardin.

Como critérios de inclusão, serão considerados os técnicos e dirigentes que estiverem atuantes na modalidade e que consentam com a participação do estudo.

Como critérios de exclusão serão desconsiderados aos técnicos e dirigentes que não estiverem mais atuantes ou não integrem a modalidade, e os que não consentam com a participação no estudo.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Identificar e discutir o desenvolvimento do Paraciclismo como modalidade Paralímpica no Brasil.

Objetivo Secundário:

1. Identificar as particularidades e características do paraciclismo;
2. Caracterizar os programas, locais e clubes que oferecem treinamento da modalidade no alto rendimento;
3. Identificar os obstáculos e facilidades para envolvimento e prática da modalidade;
4. Caracterizar seu caminhar histórico.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Segundo informações do pesquisador, O estudo não apresenta riscos previsíveis e todos os participantes terão sua identidade preservada e sob sigilo.

Os participantes não terão benefício direto na participação do estudo.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Este protocolo se refere ao Projeto de Pesquisa intitulado "O Desenvolvimento do Ciclismo Paralímpico no Brasil" cuja Pesquisadora Responsável é a mestranda em Educação Física Mariane Ferreira. A Instituição Proponente é a Faculdade de Educação Física- FEF/UNICAMP. Segundo as Informações Básicas do Projeto, a pesquisa não envolve despesas e tem um orçamento estimado em R\$ 00,00 (zero reais) e o cronograma apresentado contempla início do estudo em março de

**Endereço:** Rua Tessália Vieira de Camargo, 126

**Bairro:** Barão Geraldo

**CEP:** 13.083-887

**UF:** SP

**Município:** CAMPINAS

**Telefone:** (19)3521-8936

**Fax:** (19)3521-7187

**E-mail:** cep@fcm.unicamp.br





Continuação do Parecer: 2.665.724

2018 e término em março de 2019. A coleta de dados que diz respeito ao CEP terá início previsto em 11 de junho de 2018 e término em 18 de junho de 2018. A pesquisa envolve a participação de 5 técnicos/dirigentes envolvidos no ciclismo paralímpico, que deverão concordar com a participação na pesquisa por meio da assinatura do TCLE.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram analisados os seguintes documentos de apresentação obrigatória:

- 1 - Folha de Rosto Para Pesquisa Envolvendo Seres Humanos: Foi apresentado o documento "Unicamp.pdf" devidamente preenchido, datado e assinado e postado na plataformabrasil em 09/03/2018.
- 2 - Projeto de Pesquisa: Foram analisados os documentos "PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1081280.pdf" e "Projeto\_Alterado.pdf" postados na plataformabrasil em 16/05/2018. O documento "PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1081280.pdf" necessita de adequação (Vide item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações").
- 3 - Orçamento financeiro e fontes de financiamento: Informações sobre orçamento financeiro incluídas no documento "PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1081280.pdf" postado em 16/05/2018 na plataformabrasil. Orçamento e fontes de financiamento adequadas.
- 4 - Cronograma: Informações sobre o cronograma incluídas nos documentos "PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1081280.pdf" e "Projeto\_Alterado.pdf" postados na plataformabrasil em 16/05/2018. Cronograma adequado.
- 5 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: foi apresentado o documento "TCLE\_Alterado.pdf" postado em 16/05/2018 na plataformabrasil. O documento necessita de adequações (Vide item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações").
- 6 - Currículo do pesquisador principal: O currículo do pesquisador principal foi apresentado no documento "Currículo\_Lattes.pdf" postado em 19/10/2015 na plataformabrasil. Adequado.
- 7 - Documentos necessários para armazenamento de material biológico humano em biorrepositório conforme a Resolução CNS 441/11, itens 2.II e 6, Portaria MS 2.201/11, Capítulo II, Artigos 5º e Capítulo III, Artigo 8 e Norma Operacional CNS Nº 001/2013 anexo II:
  - 7.1 - Justificativa de necessidade para utilização futura de amostra armazenada: Não se aplica.
  - 7.2 - Declaração de submissão ao Sistema CEP/CONEP em caso de novos estudos: Apresentada no documento "PB\_COMPROVANTE\_RECEPCAO\_1081280.pdf" submetido em 18/05/2018 na

**Endereço:** Rua Tessália Vieira de Camargo, 126

**Bairro:** Barão Geraldo

**CEP:** 13.083-887

**UF:** SP

**Município:** CAMPINAS

**Telefone:** (19)3521-8936

**Fax:** (19)3521-7187

**E-mail:** cep@fcm.unicamp.br



UNICAMP - CAMPUS  
CAMPINAS



Continuação do Parecer: 2.665.724

plataformabrasil.

7.3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: Foi apresentado o documento "TCLE\_Alterado.pdf" postado em 16/05/2018 na plataformabrasil. O documento necessita de adequações (Vide item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações").

7.4 - Regulamento de Biorrepositório: não se aplica.

7.5 - Termo de Acordo em Pesquisa envolvendo mais de uma instituição: não se aplica

7.6 - Constituição ou participação em biorrepositório no exterior: Não se aplica.

8 - Outros documentos que acompanham o Protocolo de Pesquisa:

- "Carta\_comite.pdf" – carta de ciência e concordância com a pesquisa do responsável pelo Departamento de Paracicismo da Confederação Brasileira de Ciclismo.
- "Questionario\_alterado.pdf" – documento com as perguntas que comporão a entrevista com os participantes da pesquisa.
- "Historico\_escolar.pdf" – cópia do Histórico Escolar da pesquisadora indicando seu vínculo com a UNICAMP.
- "Carta\_resposta.pdf" – carta indicando as alterações realizadas nos documentos desta nova versão da submissão.

#### **Recomendações:**

Quando ao documento "TCLE\_Alterado.pdf" postado em 16/05/2018 na plataformabrasil: Retirar o texto "Este estudo não gera qualquer custo ao participante, assim não há ressarcimento financeiro pela participação na pesquisa" da seção "Desconfortos e riscos" e manter na seção "Ressarcimento e Indenização".

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado com Recomendações (Vide item acima Recomendações)

#### **Considerações Finais a critério do CEP:**

- O participante da pesquisa deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (quando aplicável).

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (quando aplicável).

**Endereço:** Rua Tessália Vieira de Camargo, 126

**Bairro:** Barão Geraldo

**CEP:** 13.083-887

**UF:** SP

**Município:** CAMPINAS

**Telefone:** (19)3521-8936

**Fax:** (19)3521-7187

**E-mail:** cep@fcm.unicamp.br





Continuação do Parecer: 2.665.724

- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Se o pesquisador considerar a descontinuação do estudo, esta deve ser justificada e somente ser realizada após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou. O pesquisador deve aguardar o parecer do CEP quanto à descontinuação, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de uma estratégia diagnóstica ou terapêutica oferecida a um dos grupos da pesquisa, isto é, somente em caso de necessidade de ação imediata com intuito de proteger os participantes.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial.
- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.
- Lembramos que segundo a Resolução 466/2012, item XI.2 letra e, “cabe ao pesquisador apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento”.
- O pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

<b>Endereço:</b> Rua Tessália Vieira de Camargo, 126			
<b>Bairro:</b> Barão Geraldo		<b>CEP:</b> 13.083-887	
<b>UF:</b> SP	<b>Município:</b> CAMPINAS		
<b>Telefone:</b> (19)3521-8936	<b>Fax:</b> (19)3521-7187	<b>E-mail:</b> cep@fcm.unicamp.br	





Continuação do Parecer: 2.665.724

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1081280.pdf	16/05/2018 23:06:45		Aceito
Outros	Carta_resposta.pdf	16/05/2018 23:06:04	Mariane Ferreira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Alterado.pdf	16/05/2018 23:05:41	Mariane Ferreira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Alterado.pdf	16/05/2018 23:05:20	Mariane Ferreira	Aceito
Outros	Questionario_alterado.pdf	10/05/2018 18:36:10	Mariane Ferreira	Aceito
Outros	Historico_escolar.pdf	05/04/2018 15:31:05	Mariane Ferreira	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Carta_comite.pdf	28/03/2018 09:30:19	Mariane Ferreira	Aceito
Folha de Rosto	Unicamp.pdf	09/03/2018 22:43:30	Mariane Ferreira	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CAMPINAS, 21 de Maio de 2018

---

**Assinado por:**  
**Renata Maria dos Santos Celeghini**  
 (Coordenador)